

Subsídios Didáticos para Dramatizações

# Sistema de Garantia de Direitos



**Cendhec**  
Centro Dom Helder Câmara

Os CADERNOS CENDHEC têm por objetivo divulgar a reflexão do Centro sobre a sua atividade no âmbito das suas linhas de atuação: Promoção e Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente e Direito à Cidade.

**Títulos já publicados:**

- 1 - Conselhos Municipais de Direitos – Exercício da Participação
- 2 - Educação para Todos – Sugestões de Autogestão
- 3 - Encontro de Irmãos – Fragmentos de História
- 4 - Cidadania e Direito à Educação – Memória de uma Experiência de Autogestão
- 5 - Solidariedade e Cidadania – Direitos Humanos e Teologia
- 6 - Cidadania e Educação Teológica
- 7 - Uma História da Criança Brasileira
- 8 - Sistema de Garantia de Direitos - Um Caminho para a Proteção Integral

**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA**

*Centro Dom Helder Câmara de Estudos e Ação Social*

CENDHEC

# Sistema de Garantia de Direitos

Subsídios Didáticos para Dramatizações

COLEÇÃO CADERNOS CENDHEC - Vol. 8

*Autora*

*Carla Denise*

RECIFE



**Cendhec**

Centro Dom Helder Câmara

1999

Copyright ©, 1999, Centro Dom Helder Câmara de Estudos e Ação Social – CENDHEC

**Primeira edição**

Todos os direitos reservados. Qualquer parte deste livro pode ser reproduzida ou utilizada para fins educacionais, desde que seja mencionada a fonte.

**Apoio**

Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID

**Autoria dos Textos:** Carla Denise

**Equipe de Pesquisas e Reportagens:** Carla Denise, Ana Veloso e Bianka Carvalho

**Açessoria Técnica:** Equipe do CENDHEC

**Produção editorial**

Editor: Edson Araújo Cabral

Projeto gráfico e editoração eletrônica: Paula Valadares

Revisão ortográfica do texto das novelas: Bianka Carvalho

Impressão: Gráfica Santa Marta

**Centro Dom Helder Câmara de Ação Social - CENDHEC**

Rua Gervásio Pires, 804. Boa Vista.

CEP. 50.050 - 070

Fone/Fax: (0\*\*81) 231 3654

E-mail: cendhec@elogica.com.br

FICHA CATALOGRÁFICA:

---

CENDHEC

Sistema de Garantia de Direitos - Radionovelas / Centro Dom Helder Câmara de Estudos e Ação Social – CENDHEC. Recife, 1999

94 p

1. Direitos da Criança e do Adolescente – Proteção – Defesa de Direitos.
2. Sistema de Garantia de Direitos – Criança e Adolescente
3. Promoção. Controle Social. Defesa e Responsabilização.

CDU 364-442-6

## SUMÁRIO

1 - ABUSO DE AUTORIDADE .....	11
2 - PROTEÇÃO INTEGRAL .....	19
3 - LIBERDADE ASSISTIDA .....	29
4 - DIREITO À VIDA .....	37
5 - CONSELHO DE DIREITOS - EPISÓDIO 1 .....	47
6 - CONSELHO TUTELAR - EPISÓDIO 2 .....	53
7 - FAMÍLIA SUBSTITUTA .....	63
8 - RESPONSABILIDADE SOCIAL .....	72
9 - VIOLÊNCIA SEXUAL/ABUSO DE AUTORIDADE .....	81
10 - FAMÍLIA, ESCOLA E TRABALHO INFANTIL .....	87

## APRESENTAÇÃO

Neste ano de 1999 o Centro Dom Helder Câmara – CENDHEC – completa dez anos de trabalho em defesa dos Direitos Humanos, e em particular, aqueles que dizem respeito às crianças e adolescentes.

Nos quatro últimos anos deste período, o Centro vem desenvolvendo um programa de capacitação e treinamento pessoal, apoiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID, visando transmitir a diversos setores da sociedade conhecimentos básicos acerca dos direitos das crianças e adolescentes. Como público deste trabalho tivemos operadores do direito, conselheiros de direitos, conselheiros tutelares, educadores populares, agentes de saúde, policiais civis, policiais militares, guardas municipais, professores e diretores de escolas públicas.

Foi como resultado da experiência do Cendhec na promoção e defesa dos direitos das crianças e adolescentes que surgiu o livro *Sistema de Garantia de Direitos: um caminho para a proteção integral*. Este trabalho condensa o entendimento do Centro Dom Helder Câmara acerca dos vários temas tratados pela Lei 8.069 ou Estatuto da Criança e do Adolescente.

Não bastava escrever um livro, existia uma preocupação por parte dos que fazem o CENDHEC com a sua utilidade para a defesa e promoção dos direitos de meninos e meninas. Surgiu então a idéia de transformar temas abordados pelo livro em pequenas peças dramáticas, que de uma forma mais viva e lúdica pudessem atingir mais diretamente aqueles menos afeitos à aridez de um texto científico.

Os textos que seguem animam os conteúdos do livro e poderão ser utilizados por aqueles que desejarem debater e aprofundar os temas abordados pelo mesmo. Sua utilização poderá ser feita através de rádio, leitura dramática ou teatro. O Centro Dom Helder Câmara espera que a dramatização dos conteúdos do livro *Sistema de Garantias de Direitos* possa contribuir para a assimilação desses conteúdos por todos aqueles que se preocupam com a divulgação e garantia dos direitos das crianças e adolescentes.

# DRAMATIZAÇÕES

---



## 1 - ABUSO DE AUTORIDADE

### PERSONAGENS

**Ivana** - Tem 17 anos. Esposa de Raimundo com quem tem um bebê.

**Raimundo** - Taxista, ex-usuário de drogas, passou um tempo na prisão por porte de maconha.

**Eliete** - Vizinha e amiga do casal.

**Eduardo** - Advogado, trabalha num Centro de Defesa da Criança e do Adolescente.

**Policial violento** - Figurante de policial

### CENA 1

*(Uma mulher embala um bebê num ambiente calmo. Pode haver pontuação musical ou a atriz poderá cantar uma canção de ninar. Ouve-se o barulho de uma porta abrindo e fechando)*

**Ivana** - Raimundo?!?

**Raimundo** - Sou eu, Ivana...

**Ivana** - Pôxa, você demorou... eu fiquei preocupada. Já estava botando o Pedrinho para dormir....

*(Raimundo beija carinhosamente a companheira, que coloca o bebê no berço)*

**Raimundo** - Ô, Vana... eu só demorei porque peguei uma corrida boa!

**Ivana** - Eu sempre tenho medo que eles voltem a perseguir você ...

**Raimundo** - Eu já fui preso, já paguei pelo meu erro. Agora quero viver minha vida em paz. O táxi está dando pra gente viver, o nosso filho vai fazer um ano...



DRAMATIZAÇÕES

**Ivana** - A gente podia fazer uma festinha de aniversário pra ele!

*(Bebê balbucia sons)*

**Ivana** - Ô meu lindinho! Espera aí que sua mãezinha já vai...

**Raimundo** - Mas esse menino tá é grande...

**Ivana** - Quer ir com papai, hein? Meu fofinho...

*(Ouvem-se batidas violentas na porta durante as próximas falas)*

**Ivana** - Meu Deus! O que é isso?

**Raimundo** - Será que é grupo de extermínio?

*(Porta é aberta com violência. Ivana grita de susto. Raimundo tenta protegê-la. Vários policiais invadem a casa)*

**Policial** - Parado! Quieto! Cadê o bagulho, rapaz?

**Raimundo** - Que bagulho? Eu não sei de nada! Eu sou taxista.

*(Os policiais seguram e esbofeteiam Raimundo. Ivana grita.)*

**Raimundo** - Que é isso?! Eu já disse que não...

*(Os policiais batem novamente em Raimundo)*

**Policial** - Fala a verdade, desgraçado. A gente já sabe de tudo! Tu "tá" escondendo droga aqui nesse barraco, maconheiro safado!

**Ivana** - *(descontrolada)* Droga? Ninguém tem droga nenhuma aqui não, moço!

**Policial** - Fala direito com autoridade, vagabunda!

**Raimundo** - Não toque na minha mulher!

**Policial** - Olha! Ele tá zangadinho! Comissário! Leva ele lá pro camburão que eu quero ter uma conversa mais íntima com essa senhora.

**Raimundo** - Policial miserável, deixa ela em paz, me larga, me larga...

*(Raimundo é levado para fora pelos policiais. Voz de Raimundo se distancia gritando. O bebê chora)*

**Policial** - Cala a boca desse cheira-cola senão quem vai calar sou eu!

Ivana - *(chorando)* Ô meu filhinho...

Policial - E então, minha filha. Vai dizer por bem ou por mal?

Ivana - Dizer o quê, seu guarda? Eu não sei de nada...

Policial - A gente recebeu uma denúncia. Não adianta esconder. Teu marido já foi em cana por causa de maconha... Se não cooperar, os dois vão dar um passeio no camburão.

Ivana - Eu não fiz nada! O senhor não pode me prender!

*(Policial vai se chegando maliciosamente)*

Policial - Olha só... menina nova, gostosinha...qual é a sua idade?

Ivana - Eu tenho dezesseis anos.

Policial - Deixa de conversa fiada...

*(Ivana pega uma pasta de papel que está próxima e uma certidão)*

Ivana - Olha aqui meu documento...

Policial - Hum...

*(Cinicamente, o policial rasga a certidão e começa a tentar apalpá-la)*

Policial - Que documento?

Ivana - *(chorando)* Rasgou a minha certidão de nascimento! O senhor não pode fazer isso! Rasgou meu documento.... pára, pára com isso!

Policial - *(malicioso)* Entrega o serviço aqui pro papai, gostosinha...

Ivana - Pára com isso, pára, polícia nojenta!

Policial - *(irritado)* Comissário, leva essa vagabunda pro carro. Ela não vai falar aqui...

*(Policial arrasta Ivana para fora. Seus gritos vão se afastando)*

Ivana - Espera, deixa eu pegar o meu filho, o meu filho, me larga...

*(Policial anda pela casa mexendo nos objetos)*

Policial - Olha só! Televisão em cores, videocassete, geladeira, iogurte, sonzinho

## 1 - ABUSO DE AUTORIDADE

### PERSONAGENS

**Ivana** - Tem 17 anos. Esposa de Raimundo com quem tem um bebê.

**Raimundo** - Taxista, ex-usuário de drogas, passou um tempo na prisão por porte de maconha.

**Eliete** - Vizinha e amiga do casal.

**Eduardo** - Advogado, trabalha num Centro de Defesa da Criança e do Adolescente.

**Policial violento** - Figurante de policial

### CENA 1

*(Uma mulher embala um bebê num ambiente calmo. Pode haver pontuação musical ou a atriz poderá cantar uma canção de ninar. Ouve-se o barulho de uma porta abrindo e fechando)*

**Ivana** - Raimundo?!?

**Raimundo** - Sou eu, Ivana...

**Ivana** - Pôxa, você demorou... eu fiquei preocupada. Já estava botando o Pedrinho para dormir...

*(Raimundo beija carinhosamente a companheira, que coloca o bebê no berço)*

**Raimundo** - Ô, Vana... eu só demorei porque peguei uma corrida boa!

**Ivana** - Eu sempre tenho medo que eles voltem a perseguir você ...

**Raimundo** - Eu já fui preso, já paguei pelo meu erro. Agora quero viver minha vida em paz. O táxi está dando pra gente viver, o nosso filho vai fazer um ano...

Vizinha - O comissário tomou o iogurte do Pedrinho e jogou no chão a comida que tinha na geladeira e no armário.

Ivana - Isso é um crime! A gente se sacrifica tanto pra ter uma vida melhor! E numa noite só vai tudo por água abaixo!

Vizinha - Isso não pode ficar assim!

Ivana - Eu vou fazer o quê? Eles são da polícia!

Vizinha - Eu sei. Mas deve ter um jeito.

Ivana - Na vida de pobre, jeito só quem dá é a morte.

Vizinha - Vira essa boca pra lá, menina! Teu marido ainda tá preso. Você foi agredida. Tua vida ficou de cabeça pra baixo. A gente tem que pedir ajuda.

Ivana - E quem vai querer me ajudar?...

Vizinha - Eu sei de um lugar onde tem advogados. É um Centro de Defesa da Criança e do Adolescente. Você só tem dezesseis anos. Talvez eles possam ajudar. Vamos lá!

*(Pode haver pontuação musical. As duas saem de cena)*

### CENA 3

*(Sala do Centro de Defesa. Se for rádio, pode haver fusão da música anterior com nova música. A cena começa como se elas já tivessem contado tudo ao advogado.)*

Advogado - Se tudo foi assim como vocês me contaram, esses policiais cometeram muitas irregularidades. Eles não respeitaram os direitos de vocês. A gente vai denunciar.

Vizinha - Viu só, Ivana!

Advogado - Pra começar, é contra a lei a polícia invadir a casa de uma pessoa à noite.

Ivana - Mas o barraco onde eu moro é numa invasão...

Advogado - Olha, Ivana, lá é onde você e sua família moram, não é?

Ivana - É sim, seu Eduardo.

**Advogado** - Então! Pode ser casa rica ou pobre. Pode ser até embaixo do viaduto. Se você mora lá, a polícia não pode simplesmente invadir à noite. Ela só pode entrar lá para prender alguém de dia. E, mesmo assim, tem que ter um mandado de prisão.

**Vizinha** - Mandado de prisão?

**Advogado** - É, um papel assinado por um juiz que ordena a prisão da pessoa. A polícia só poderia entrar sem mandado se estivesse acontecendo um crime, se você autorizasse.

**Ivana** - Eles entraram e fizeram o que queriam....

**Advogado** - Isso é abuso de autoridade. Você e seu companheiro são cidadãos. Têm vários direitos assegurados no quinto artigo da constituição do País. Todo cidadão e cidadã têm o direito de não apanhar. Têm o direito de não ser humilhado e nem maltratado.

**Vizinha** - A polícia podia ter levado o táxi do Raimundo e as coisas da casa, seu Eduardo?

**Advogado** - De jeito nenhum. Só com ordem do juiz. Com um mandado de busca e apreensão.

**Ivana** - Eu tô preocupada com o Raimundo, seu Eduardo.

**Advogado** - Eu já falei com o Fernando, aquele advogado da organização de direitos humanos. Ele está tomando as providências para o seu companheiro ser solto.

**Vizinha** - Mas vocês vão ajudar a Ivana, não vão?

**Advogado** - Vamos sim. Nossa organização funciona como um Centro de Defesa dos direitos da criança e do adolescente. A Ivana tem menos de dezoito anos. Pela lei, ela é considerada uma adolescente. Nós vamos fazer tudo o que for possível.

*(Pode haver pontuação musical. Os três saem de cena)*

#### CENA 4

*(Casa de Ivana. Ela varre a sujeira deixada pela polícia. Pode haver fusão da música anterior com nova música ou black-out para dar noção de passagem de tempo)*

Ivana - Tá quase tudo limpinho, não é, Pedrinho? Agora a mamãe vai...

*(Ouve-se a porta abrir. A vizinha entra correndo. Logo depois, Raimundo entra)*

Vizinha - Ivana! Ivana!

Ivana - O que foi, Eliete?

Vizinha - Olha quem está chegando!

Ivana - Raimundo!

Raimundo - Ô minha flor!

Ivana - Eu tava tão preocupada!

Vizinha - Mas, graças a Deus, já passou, já....

*(Ouve-se um som de sirene de polícia aproximando-se)*

Ivana - Ah, meu Deus. De novo! De novo! Vamos fugir daqui!

Vizinha - Calma, Ivana, calma!

Raimundo - Pega o Pedrinho e corre que o problema deles é comigo, não com você.

Vizinha - Calma, gente, eu vou telefonar pro advogado.

*(Som de sirene se afasta e desaparece)*

Vizinha - Ah, gente. A polícia estava só passando...

Ivana - Nossa, eu pensei que....

Raimundo - *(interrompendo, angustiado)* Se não for hoje, é amanhã, é depois...É só ter uma denúncia na favela, e eles vêm logo aqui. Será possível! Vai ser assim a vida inteira? Eu cometi um erro, fui preso, já paguei! Que droga de vida!

*(Ouve-se o som de batidas na porta)*

Raimundo - Não falei? Não falei?

Vizinha - Vão lá pra cozinha, eu vou atender.

Ivana - Não! Não abre não!

Raimundo - Deixa que eu vou. Já tô de saco cheio disso.

Ivana - Ai, Minha Nossa...

*(Raimundo abre a porta com força)*

Advogado - Bom dia ...

Raimundo - Pode me prender, mas chega de maltratar a minha família!

Ivana - *(sem graça)* Raimundo... é o advogado...

Raimundo - Advogado? Eita....

*(Todos entreolham-se. Eliete começa a rir, é seguida por Ivana e, timidamente, por Raimundo.)*

Raimundo *(menos tenso)* - Pode entrar, moço.

Advogado - Com licença.

Ivana - Não repare não, seu Eduardo. A gente tá enfrentando uma barra...

Advogado - Eu entendo, gente. E trago boas notícias.

Raimundo - A gente tá precisando...

Advogado - Nós conseguimos que fosse aberto inquérito administrativo na Corregedoria de Polícia. Todos os policiais civis que participaram das agressões aqui e na delegacia foram afastados de seus cargos. Vão ser apurados os excessos e os crimes cometidos pela polícia no exercício da função. E tem mais!

Ivana - O que é?

Advogado - Já foi aberto inquérito policial na Delegacia da Criança e do Adolescente para investigar o abuso de autoridade contra você, Ivana. A polícia não pode desrespeitar o direito do adulto! Muito menos o da criança e o do adolescente, que é o seu caso .

Ivana - Quando eu penso no que eles fizeram comigo naquela delegacia...

Advogado - Eles também cometeram atentado violento ao pudor, além de bater e prender você. Se der tudo certo e a ação penal for em frente, os policiais envolvidos podem ser condenados à prisão.

Raimundo - Eu vou torcer por esse dia...

Vizinha - Eu tenho uma pena da casinha de vocês, assim, sem nada...

Já faz um ano que eu tô pedindo dinheiro pra consertar o telhado. Se o telhado cair, pode matar alguém... Tá bom...tá bom... Eu ligo no início do mês que vem.

*(Ela coloca o fone no gancho com força e suspira. Criança vem gritando ao longe.)*

Criança - Diretora! Diretora!

Diretora *(apreensiva)* - O que foi, meu filho? Que gritaria é essa?

Criança - O telhado! Tá caindo!

Diretora - Ah, meu Deus!

*(Música de impacto seguida de estrondo e gritos.)*

## CENA 2

*(Sala da casa de Daniel e Márcia. Se for rádio, pode-se fundir nova música com a anterior.)*

Mãe (Márcia) - Ô Daniel? O senhor não deveria estar na escola?

Daniel - Tem aula não, mãe.

Mãe - Mas hoje não é feriado! Deixa de conversa, menino!

Dani - É verdade, mãe. O telhado caiu .

Mãe - Que história é essa?

Dani - O telhado da escola desabou e saiu arrastando parede, arrebentou tudo...

Mãe - Meu Deus! Tinha alguém embaixo?

Dani - Sorte é que tava na hora do recreio. Só a diretora se machucou um pouquinho.

Mãe - A dona Vera? Como?

Dani - Ah, ela entrou na creche pra ver se tinha algum pirralho. Aí uma telha acertou ela.

Mãe - Quando foi que isso aconteceu?

Dani - Ah, sei lá. Acho que faz uma semana.



Mãe - E você não me contou nada?

Dani - A senhora não pergunta nada! Só vive trabalhando!

Mãe - Trabalho pra não faltar nada nessa casa!

Dani - Ihh... Já vai começar...

Mãe - E o que você ficou fazendo quando não tava na escola?

Dani - Ah, mãe, eu tava por aí...

Mãe - Por aí onde, menino?

Dani - Na rua.

Mãe - Isso tem que acabar. Não quero ver você na rua, não senhor...

Dani - E eu vou ficar aqui sozinho fazendo o quê?!

Mãe - Ainda bem que eu não tive faxina hoje! Eu vou na sua escola.

Dani - Fazer o quê?

Mãe - Falar com a dona Vera.

*(Mãe sai de cena. Filho pode sair em direção oposta. Se for rádio, pode-se aumentar a música para mostrar fim de cena)*

### CENA 3

*(Sala da diretora. Há entulhos de cadeiras e objetos quebrados e empoeirados. Se for rádio, pode-se fundir a música anterior com nova música.)*

Mãe (Márcia) - Dá licença...

Diretora - Bom dia.

Mãe - Eu vim aqui saber como andam as coisas...

Diretora - Dona Márcia, não é?

Mãe - Mãe do Daniel Felipe, da terceira série b.

Diretora - A senhora já viu o estrago, não?

Mãe - A escola não caiu na cabeça do meu filho, mas caiu na minha.

**Diretora** - Como?

**Mãe** - Agora ele tá sem fazer nada. Eu não posso levar o garoto comigo pro trabalho. Ele vai acabar se juntando com os desocupados lá da rua...

**Diretora** - A partir da próxima semana, os alunos da escola vão ficar provisoriamente no salão paroquial.

**Mãe** - E dá pra botar todas as crianças lá?

**Diretora** - Ou as crianças vão pra lá ou ficam sem aula por quatro meses.

**Mãe** - Esse tempo todo, por quê?

**Diretora** - É o prazo que a Secretaria de Educação vai precisar pra reformar a escola.

**Mãe** - Agora, começa a burocracia. Tudo com poder público demora.

**Diretora** - Pois já faz um tempão que eu tô tentando fazer uma reunião de pais e mestres pra discutir os problemas da escola, e ninguém participa...

**Mãe** - Ah, é difícil, dona Vera. Tá todo mundo ocupado.

**Diretora** - Mas a situação tá ficando cada dia pior. Eu sozinha não posso fazer tudo.

**Mãe** - Mas se a senhora, que é a diretora, não consegue...

**Diretora** - Por isso mesmo! Já tá na hora da comunidade se responsabilizar também.

**Mãe** - Educação é um dever do Estado, dona Vera.

**Diretora** - E os pais, não têm nenhuma responsabilidade? E a comunidade? É só o governo que deve proteger a garotada?

**Mãe** - Mas o que a gente pode fazer, dona Vera?

**Diretora** - Lutar por melhor ensino pros nossos filhos.

**Mãe** - Lutar como?

**Diretora** - É isso que a gente poderia discutir numa reunião...

**Mãe** - Bom, tem um conselho de mulheres do bairro. Tem reunião amanhã. A

gente podia ir lá, conversar com elas...

**Diretora** - Boa idéia. Seria bom conseguir ajuda do maior número possível de pessoas, né?

*(As mulheres saem de cena conversando. Se for rádio, as vozes vão se dissolvendo. A música vai aumentando)*

**Mãe** - A reunião começa às sete da noite.

**Diretora** - Eu não sei onde fica...

**Mãe** - É fácil. Sabe a lojinha do seu Biu?

#### CENA 4

*(Sala de reunião. Há várias pessoas - mães, pais e professoras - além das que falam.)*

**Diretora** - Como a gente combinou na última reunião, a assistente social do centro de defesa da criança e do adolescente, Rita de Cássia, veio dar uma palavrinha.

**Rita** - Boa noite, gente.

**Coro** - Boa noite!

**Mãe** - Ela tá fazendo um trabalho com a associação de moradores e se dispôs a dar uma força pra nós.

*(Aplausos e assovios de aprovação)*

**Rita** - É super importante vocês estarem lutando. A gente tá numa época em que a participação dos pais e responsáveis na educação da garotada está garantida no Estatuto da Criança e do Adolescente.

**Mãe** - Estatuto?

**Diretora** - É uma lei nova. Eu já ouvi falar.

**Rita** - É uma lei federal criada em 1990. Ela substitui o antigo Código de Menores. Eu tenho uma cópia.

**Mãe** - Tem alguma coisa nesse estatuto que sirva pra gente?

**Rita** - Claro que sim! Olha o que diz o artigo cinquenta e três: a criança e o adolescente têm direito à escola pública e gratuita próxima de casa.

**Mãe** - Sim, é daí?

**Rita** - E daí que, se as crianças daqui não estão tendo este direito assegurado, significa dizer que o Estado não está cumprindo a lei. Baseado nisso e em outros artigos, quem se sentir prejudicado deve cobrar do governo o cumprimento da lei.

**Mãe** - Então, vamos fazer isso.

**Diretora** - Eu acho que a gente também deveria saber mais sobre esse Estatuto.

• **Rita** - Ótima idéia. A gente do centro de defesa pode dar uma assessoria pra vocês sobre o Estatuto, a doutrina de proteção integral...

**Mãe** - A gente pode ouvir o que cada um aqui tem a dizer e tirar uma comissão pra encaminhar as coisas.

*(Se for rádio, próxima fala vai se dissolvendo enquanto música aumenta. Se for teatro, pode haver black-out)*

**Diretora** - Tem mães, pais, professoras, a gente podia formar um círculo pra todo mundo se olhar...vamos puxar as cadeiras pra cá...

## CENA 5

*(Sala da casa de Daniel e Márcia. Se for rádio, pode haver fusão da música anterior com nova música.)*

**Daniel** - Mas eu não quero ir!

**Mãe** - Daniel, você não pode ficar sem ir à escola!

**Daniel** - No salão da paróquia faz calor demais! Não tem cadeira pra todo mundo! Todas as séries tão na mesma sala. É muito barulho, mãe! Não dá pra gente se concentrar.

**Mãe** - Agüente mais um pouquinho, meu filho. Vai passar logo.

**Daniel** - A senhora vive dizendo isso. Mas já faz quase um ano que a gente tá estudando no salão da paróquia.

Mãe - Vem cá, senta aqui junto de mim.

Daniel - *(abusado)* Sim, senhora .

Mãe - Eu já expliquei. A gente pensou que a reforma da escola ia ser mais rápida, mas a prefeitura não cumpriu as promessas.

Daniel - Ninguém tá aguentando mais!

Mãe - Eu sei, Daniel. Eu quero uma escola melhor pra você. A gente vai fazer uma passeata amanhã, em frente à prefeitura. A gente não pode desistir, porque a vida não é fácil!...

Daniel - É que cansa, né, mãe?...

Mãe - A gente tá lutando, meu filho. Alguma coisa vai melhorar, você vai ver!

*(Os dois se abraçam. Black-out. Se for rádio, uma música poderá pontuar o fim da cena)*

## CENA 6

*(A diretora e Márcia já estão dentro do prédio da prefeitura. Se for rádio, há fusão da música anterior com nova música. Há muitas vozes e palavras de ordem. Pessoas fazem manifestação na rua.)*

Vozes - Educação e qualidade! Educação e qualidade!

Mãe - Nosso movimento tá forte, dona Vera.

Rita - *(chegando)* A imprensa veio!

Diretora - A nossa comissão vai ser recebida pelo prefeito. O dossiê está com você, Rita?

Rita - Tá aqui, sim.

Mãe - Então vamos!

*(As três saem de cena juntas. Se for rádio, música e palavras de ordem aumentam e diminuem de volume para dar intenção de passagem de tempo.)*

CENA 7

*(Sala da casa de Márcia. Ela vem chegando. Se for rádio, há fusão do finzinho das palavras de ordem com música e som de porta sendo aberta e fechada.)*

**Daniel** - Mãe?!

**Mãe** - Sou eu, meu filho!

**Daniel** - A senhora vai sair na televisão. Já anunciaram a reportagem.

**Mãe** - Que bom! A cidade toda vai saber que a nossa comunidade existe! Aumenta aí, Daniel!

*\*(Todas as falas do apresentador e repórter são gravadas junto a um ruído de tv ligada.)*

**Apresentador** - Centenas de moradores do Alto da Boa Vontade saíram hoje, em passeata, no centro da cidade. A comunidade protesta contra a falta de qualidade no ensino.

**Repórter** - Telhado destruído. Infiltração nas paredes. Fossa e caixa d'água a céu aberto. Esta é a situação da escola municipal "*Quero Aprender*". Sem condições de funcionamento, o colégio, de ensino fundamental, está fechado há um ano. Sem ter onde estudar, as trezentas e oitenta crianças têm que assistir aula no salão paroquial. O espaço é quente e pequeno para acomodar tantos alunos. No fim da tarde, a comunidade saiu em passeata pelas ruas da cidade. Com carro de som, faixas e palavras de ordem, os manifestantes se concentraram em frente à prefeitura. Eles querem ser recebidos pelo prefeito da cidade.

**Diretora** (*grave*) - Nossa escola precisa ser restaurada e ampliada. Precisamos atender aos alunos matriculados e mais umas trezentas crianças e jovens que estão sem poder estudar. Nós fizemos um levantamento que mostra a falta de condições de ensino. Está tudo aqui nesse dossiê.

**Mãe** (*veemente*) - Nossa comissão já entregou o dossiê à Secretaria de Educação. O pessoal deles fez vistoria, prometeu que ia resolver o problema no mês passado e, até agora, nada. Por isso, a gente vai ao Ministério Público. A gente quer que ele promova uma ação civil pública porque a lei não está sendo cumprida.

**Repórter** - A comissão de moradores afirma que a falta de condições de ensino fere

o artigo cinquenta e quatro do Estatuto da Criança e do Adolescente. Segundo o texto, é dever do Estado assegurar o ensino fundamental, obrigatório e gratuito.

**Apresentador** - O prefeito não quis gravar entrevista, mas garantiu que serão tomadas as providências necessárias. Neste momento, ele está no gabinete reunido com o secretário de Educação.

*(Garoto desliga a tv.)*

**Daniel** *(admirado)* - Nossa, mãe! A senhora falou bacana!

**Mãe** *(alegre)* - Nunca pensei que ia ter coragem de falar na imprensa, nem de sair numa passeata... Eu tava tão nervosa....

**Daniel** - Nem parecia, mãe...eu gostei! *(risos dos dois)*

*(Em caso de ser teatro, black-out. Se for rádio, pontuação musical)*

## CENA 8

*(Sala de reunião. Se for rádio, pode haver fusão da música anterior com nova música.)*

**Diretora 1** - No ritmo que as obras estão, acho que eles vão terminar no prazo. Mês que vem, os alunos vão estar de volta à escola reformada.

**Mãe** - Não vejo a hora!

**Rita** - Agora é continuar a luta.

**Mãe** - Vamos discutir a criação do conselho escolar.

**Diretora** - É. Olha, foi fundamental discutir sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, descobrir a doutrina de proteção integral.

**Mãe** - Eu não pensava que a educação fosse uma política social básica, que fosse uma coisa garantida por lei.

**Diretora** - Pra dizer a verdade, nem eu sabia direito o que tinha o Estatuto.

**Rita** - É, mas vocês já estão colocando em prática a proteção integral.

**Diretora** - Crianças e adolescentes têm os mesmos direitos dos adultos.

**Rita** - Eles merecem atenção especial porque estão em desenvolvimento cultural, mental e físico.

**Mãe** - A família, o governo e a comunidade têm obrigação de garantir os direitos dos nossos jovens.

**Rita** - Isso sim é proteção integral: todo mundo envolvido com responsabilidade e solidariedade. *(risos)*

*(Se for teatro, pode terminar com black-out ou as três podem sair de cena conversando. Se for rádio, uma música alegre poderá pontuar o final)*

### 3 - LIBERDADE ASSISTIDA

#### PERSONAGENS

**Bira** - Tem 19 anos. Pratica pequenos furtos e planeja um roubo na farmácia.

**Nado** - Ednaldo. Tem 14 anos, é o mais velho de 4 irmãos, toca violão e participa da tentativa de roubo à farmácia.

**Mãe** - Senhora pobre e sofrida, que luta para criar sozinha os quatro filhos.

**Cibele** - Advogada, trabalha na Defensoria Pública e pega o caso de Nado.

**Rô** - Rosângela. Adolescente de 13 anos, usuária de crack.

**Carlos** - Educador e músico. Trabalha num projeto que utiliza o aprendizado musical para jovens pobres e infratores como alternativa à marginalidade.

#### CENA 1

*(Os dois encontram-se na rua. Nado é mais franzino, denota sua pouca idade. Bira já tem seus 19 anos. A conversa é mais calma, mais lenta.)*

**Bira** - E aí, Nado?

**Nado** - Só, Bira.



**Bira** - Tô sabendo que você tá precisando de grana pra comprar um violão. Pois eu tenho uma parada. Vim aqui te chamar...

**Nado** - Diga aí, cumpade.

**Bira** - A gente pode entrar numa grana violenta. É meio a meio.

**Nado** - E como é que rola?

**Bira** - A farmácia lá de cima.

**Nado** - Mas deve ter vigia, cara.

**Bira** - Besteira. Aquele velho não é de nada.

**Nado** - Pô, cara. É furada.

**Bira** - É fácil, cara. Basta tu ir comigo e ficar vigiando.

**Nado** - E se pegarem a gente?

**Bira** - Se te pegarem, tá limpo, meu irmão. Tu é de menor. Tem a lei nova aí. Não acontece nada.

**Nado** - Isso é verdade?

**Bira** - Claro, meu irmão.

**Nado** - Sei não...

**Bira** - Cara, tu é frouxo, hein. Putz! Eu devia ter chamado um homem, não uma coisinha medrosa como você!

**Nado** - Quem disse que eu tô com medo? Hein? Hein?

**Bira** - Ai, tá zangadinha..

**Nado** - Esse negócio tá de pé ou não?

**Bira** - Amanhã à noite, a gente se encontra no bar do Cláudio.

**Nado** - Tudo bem.

*(Os dois cumprimentam-se e se afastam em direções opostas. Black-out)*

CENA 2

*(Farmácia. Os dois cochicham rápido. Estão nervosos e movimentam-se com cuidado.)*

**Bira** - O vigia!

**Nado** - Droga! Ele me conhece!

**Bira** - Fecha a matraca.

**Nado** - Ele pode me reconhecer.

**Bira** - Cadê a droga da meia que eu te dei? Era pra cobrir o rosto!

**Nado** - Droga, droga, tava no meu bolso! Deve ter caído quando a gente pulou o muro!

**Bira** - Cala a boca!

**Nado** - Ele tá vindo pra cá...

**Bira** - Se esse filho da mãe chegar mais perto, eu queimo ele.

**Nado** - Pô! Revólver?! Baixa isso cara!

**Bira** - Se ele chegar mais perto...

*(Ouve-se som de tiro. Se for rádio, acrescenta-se uma música de impacto.)*

**Nado** - Ele num tinha visto a gente, cara! Não precisava atirar!

**Bira** - Eu sou homem, cara. Aposto que peguei ele de primeira...

**Nado** - Peraí, Bira, o cara...

*(Bira sai de cena certo de que o vigia está morto. Ouve-se um tiro seguido de um gemido de Bira. Nado fica desesperado. Quase sai ao encontro de Bira, mas ouve o tiro e se agacha, com medo)*

**Nado** - Bira! Bira!

*(Ouve-se mais um tiro)*

**Nado** - Ô.... Maior sujeira.... *(gritando)* não atira! Eu tô desarmado!

*(Ouve-se sirene de polícia. Se for teatro, pode haver black-out)*

CENA 3

*(Sala de escritório. A advogada conversa com Nado)*

**Advogada** - Sua audiência vai ser na semana que vem, Ednaldo.

**Nado** - Me chama de Nado.

**Advogada** - Tudo bem, Nado...

**Nado** - Me deixa sair. Eu só tenho catorze anos.

**Advogada** - Não fui eu quem colocou você aqui. Eu sou uma advogada da Defensoria Pública. Eu tô aqui pra ajudar você.

**Nado** - Então faz eu sair. Eu sou de menor, dona.

**Advogada** - De menor você seria se a lei ainda fosse o antigo Código de Menores. Só que agora a lei mudou, Nado.

**Nado** - Como assim?

**Advogada** - O que vale agora é o Estatuto da Criança e do Adolescente. Segundo essa lei, uma pessoa que tenha de doze a dezessete anos é considerada adolescente.

**Nado** - E daí? Vocês não podiam me prender!. Eu sei que essa lei nova não prende ninguém.

**Advogada** - Isso não é verdade. Pelo artigo 106 do estatuto, um adolescente pode ser apreendido em duas situações: com ordem escrita do juiz ou em flagrante. E você foi pego com a boca na botija, né rapaz!

**Nado** - Droga! Agora eu vou em cana pra sempre.

**Advogada** - Pode ser que o juiz decida pelo seu internamento. Mas você não tem antecedentes criminais.

**Nado** - Eu tô lascado...

**Advogada** - A nova lei dá várias opções de punição para o adolescente infrator. O seu amigo Bira é que vai sair do hospital direto para o presídio. Você que é adolescente tem mais chance de mudar. Eu vou tentar uma medida que te dê uma certa liberdade. Mas antes, a gente tem muito o que conversar.

*(Black-out. Se for rádio, uma música pode separar as cenas)*

CENA 4

*(Sala da advogada. Ela conversa com Nado e sua mãe)*

Mãe - Ô meu filho! Que bom que você não vai ficar preso!

Nado - É, mãe. A doutora aí entende da lei.

Advogado - Você não vai ficar apreendido. Mas o juiz determinou que você vai passar os próximos meses em regime de liberdade assistida.

Nado - Eu sei, dona Cibele.

Advogada - Vocês entenderam tudo o que eu expliquei?

Mãe - Que uma pessoa da nossa comunidade vai ficar orientando o Nado?

Advogada - Vai orientar seu filho e sua família.

Nado - Vai ser alguém conhecido?

Advogada - A associação de moradores vai recomendar alguém capacitado pra isso. A gente conhece um educador chamado Carlos. Ele já desenvolve um trabalho com meninos e meninas de rua.

Mãe - Ah, então o Nado vai ter que voltar a estudar direitinho.

Advogada - Pois é. O orientador também vai ficar de olho na sua freqüência e no seu rendimento na escola.

Nado - Um educador! O cara vai ficar me vigiando o tempo todo!

Advogado - É uma punição, Nado! Injusto seria se você fosse pego na época do antigo Código de Menores.

Nado - Conversa.

Advogada - É? Pra começar, você ia ser julgado sem direito à defesa.

Nado - Sem advogado?

Advogada - É. Nem era necessário apresentar prova da sua culpa. Bastava o juiz achar que você era perigoso... E adeus, liberdade.

Nado - Sério? Se a pessoa não tivesse culpa, ou se fosse um crimezinho besta, tipo...

**Advogada** - Se o juiz decidisse ... adeus, liberdade. E detalhe: alguém com mais de dezoito anos tinha direito à defesa. O adolescente só teria advogado se a família pagasse.

**Mãe** - Essas coisas custam caro. A gente não ia conseguir pagar...

**Advogada** - O Estatuto tem muitos avanços, porém não se esqueça: a lei dá chance mas também castiga com severidade. Então, procure fazer a sua parte. Se as coisas não correrem direito, o juiz pode cancelar a liberdade assistida e mandar apreender você.

*(Pode haver black-out ou os personagens podem sair de cena improvisando a continuação da conversa)*

## CENA 5

*(Rua. Os dois adolescentes vêm de lados opostos. Se for rádio, pode haver pontuação musical)*

**Rô** - E aí, Nado!

**Nado** - Oi, Rô! Faz um tempo que você não aparece na escola...

**Rô** - Pois é... O que é que você tem de bom? Um cigarrinho?

**Nado** - Eu tô careta. Só tenho amor pra dar... *(risos)*

**Rô** - *(rindo)* Tudo bem, garoto. Tem história nova no pedaço. Vim te chamar.

**Nado** - Como é que você sabia que eu tava aqui?

**Rô** - Você só vive na escola. Todo mundo sabe...

**Nado** - O que é que manda?

**Rô** - O pessoal vai se juntar pra fumar uma pedra.

**Nado** - Pedra?

**Rô** - Crack, garoto.

**Nado** - Olha, Rô, eu tô sem grana...

**Rô** - Tá limpo, cara. A primeira é presente meu.

**Carlos** - Que nada! Dá até pra resumir em três pontos principais. A idéia que a gente defende é que criança e adolescente são cidadãos completos. Têm os mesmos direitos do adulto e mais outros direitos pelo fato de serem pessoas em desenvolvimento.

**Nado** - Em desenvolvimento?

**Carlos** - Claro. Proteção integral também significa que a atenção à criança e ao adolescente deve levar em conta a parte física, mental, cultural...

**Nado** - (*descrença*) Tá bom...

**Carlos** - E não é só o Estado que tem a obrigação de garantir todos os direitos da criança e adolescente, não. A família, a comunidade e a sociedade têm esse dever também.

**Nado** - Tá certo, Carlos. Eu sei que você é meu orientador, tem que falar bonito pra me convencer. Mas esse negócio é bacana assim, no papel. Isso não é coisa pro Brasil, não....

**Carlos** - Por que não?

**Nado** - Você me pergunta isso? Eu me meti nessa roubada como? O que você acha que a maioria dos meus amigos tá fazendo? A maioria tá roubando, atravessando droga, ou se matando de trabalhar pra ganhar uma mixaria. Minha mãe sustenta nós quatro. Tá se acabando de trabalhar, e a gente vive na maior dureza. Se toca! Vai perguntar pra outra pessoa!

**Carlos** - Não vou, não! É com você que eu quero conversar! Você nunca pensou pra que serve a lei?

**Nado** - Pra castigar as pessoas.

**Carlos** - A punição é uma consequência do desrespeito... A lei existe é pra garantir o direito das pessoas.

**Nado** - A lei não tem nada a ver com a realidade...

**Carlos** - A função da lei não é dizer como as coisas são. A lei é feita pra mostrar como as coisas devem ser. A lei existe pra permitir mudança, entende, pras coisas não continuarem do jeito que estão.

**Nado** - E em quanto tempo a mudança acontece?

**Carlos** - Acho que a pergunta é: de que forma a mudança acontece?

**Nado** - Sim ... E como é?

**Carlos** - Eu não tenho a fórmula...

**Nado** - Ahh...

**Carlos** - Mas acredito numa coisa: a mudança só pode acontecer quando se toma uma atitude. Não precisa ser herói, não. Basta fazer aquilo que é possível.

**Nado** - É tão fácil...

**Carlos** - Não é fácil. Mas também não é um bicho de sete cabeças. Como tudo na vida, é preciso coragem, meu amigo. Cada um tem que fazer a parte que lhe cabe, entende? Só assim alguma coisa vai melhorar. Pensa nisso...

*(Black-out. Para rádio: aumenta a música)*

## CENA 7

*(Há passagem de tempo. É bom que Nado esteja com uma camiseta diferente ou uma camisa fácil de colocar rápido por cima da roupa. Algum elemento - como boné ou touca diferente da anterior - pode ajudar. A garota entra em cena cambaleante e cai. Rapaz vem passando pela rua e a vê. Para rádio: fusão de músicas)*

**Nado** - Mas o que é... Rô? Rô, você tá legal?

**Rô** - *(grogue)* Eu tava viajando, meu irmão...

**Nado** - Que viajando que nada! Você tá toda machucada... Sangrando... tua roupa tá rasgada...

*(Rô toma consciência de seu estado e dá grunhidos de susto)*

**Nado** - Calma, Rô, calma... O que aconteceu?

**Rô** - *(chorando)* Sei lá, cara! Eu tava muito doida, eu tava muito doida.

**Nado** - Pôxa, Rô, há seis meses, a gente se curtia na escola. Você era tão bonita...

**Rô** - *(chorando)* Mas eu num tô feia não, num tô ...

**Nado** - Não é isso. É... É que você tá... Tá tão acabada... Nem parece a mesma

pessoa.

Rô - *(chorando)* Eu sei que eu tô uma porcaria de gente, tá bom! Mas depois que você cai na droga, meu irmão, ninguém te ajuda, não...

Nado - E a sua família?

Rô - *(choramingando)* Não vai contar pro meu pai, não...

Nado - Olha, você tá muito machucada. Não sei o que fizeram com você... mas você precisa de um médico, uma enfermeira...

Rô - *(choramingando)* Tá bom....

Nado - Se você quiser, eu te levo numa pessoa que pode te ajudar...vem cá, se apoia em mim...

Rô - *(triste)* Nado...

Nado - Que é? Tá doendo muito?

Rô - *(triste)* Tá. Mas não é isso, não.

Nado - O que é?

Rô - Obrigada.

*(Os dois saem de cena lentamente, ele amparando ela. Pode haver black-out. Rádio: música aumenta)*

## 4 - DIREITO À VIDA

### PERSONAGENS

**Roberto** - Casado, com filhos. Namora Fernanda como se fosse solteiro.

**Fernanda** - Recepcionista. Depois de anos de namoro sem prevenção à gravidez e doenças sexualmente transmissíveis, fica grávida de Roberto.

**Vigia** - Trabalha na mesma empresa que Roberto.



Rosa - Amiga de Fernanda. Trabalha num Centro de Defesa da Mulher.

Doutora - Pediatra de hospital público.

Ricardo - Advogado do Centro

CENA 1

*(Interior da casa da Fernanda. Música romântica. Conversa inicia em tom meloso )*

Roberto - Ah, vem cá, Nandinha...

Fernanda - Olha, espera, vamos conversar...

Roberto - Outra hora, Nandinha, você conversa demais, meu amor...

Fernanda - Ontem, a gente ia conversar lembra...

Roberto - Ontem? A gente fez tanta coisa boa...

Fernanda *(Rindo)* - Eu sei. Olha, Robertinho, é importante...

Roberto - *(Desconfiado)* Sua irmã tá querendo aquele dinheiro de volta...

Fernanda - Não é isso, não...

Roberto - Então o que é?

Fernanda - Minha menstruação tá atrasada.

Roberto - Mas sempre atrasa mesmo...

Fernanda - Dois meses.

Roberto - *(Irritado)* Tudo isso?! E você não foi ao médico?

Fernanda - Eu não podia faltar ao trabalho. Estão demitindo por qualquer motivo.

Roberto - Estragou meu sábado.

Fernanda - *(Sem graça)* Desculpe.

Roberto - Já é tarde. Acho que eu tô indo...

Fernanda - Ué? Eu já arrumei o sofá pra você dormir.

Roberto - Hoje eu não vou ficar, não.

Fernanda - A gente se vê amanhã?

Roberto - Amanhã, eu tenho plantão. Eu ligo pro teu trabalho depois.

Fernanda - Tá bom...

*(Beijo rápido, sem entusiasmo. Ele sai mais rápido de cena, e ela vai atrás, como se fosse acompanhá-lo até a porta. Rádio: música aumenta.)*

## CENA 2

*(Casa de Fernanda. Ela está com outra roupa e passa, pensando alto. Pode ser ela falando ao vivo ou uma fita gravada. Rádio: fusão da música anterior com nova melodia)*

Fernanda - Pôxa. Eu tentei o dia todo falar com Roberto. Ele não atendeu a nenhum dos meus recados. Deixa eu ver que horas são... Ah, ainda dá tempo de encontrar com ele na saída do trabalho. A gente precisa conversar.

*(Fernanda pega a bolsa e sai de cena. Rádio: música aumenta)*

## CENA 3

*(Fernanda chega na entrada de uma empresa. Rádio: fusão entre música anterior e nova melodia)*

Fernanda - Ei, moço, boa noite.

Vigia - Boa noite, dona.

Fernanda - Já saiu todo mundo?

Vigia - Quase todo mundo já foi.

Fernanda - Tem certeza?

Vigia - Tenho sim, senhora. Tô aqui na empresa desde as seis da manhã. Daqui a pouco, o outro vigia vem me render.

Fernanda - Ahh... Muito obrigada...

Vigia - Mas a senhora tá procurando quem?

Fernanda - Seu Roberto Miranda.

Vigia - A senhora é parente dele?

Fernanda - Sou sim.

Vigia - Então, meus parabéns.

Fernanda - Parabéns?

Vigia - A essa hora, já deve ter nascido.

Fernanda - Nascido?

Vigia - O neném dele, moça.

*(Rádio: música de impacto)*

Vigia - O homem saiu todo apressado pra levar a esposa pro hospital.

Fernanda - O senhor disse esposa? Ele é casado?

Vigia - E já tá no terceiro filho... Moça? Moça? Tá passando mal ? ...Quer um copo d'água? Ai, minha Nossa Senhora....

*(O vigia leva-a para fora de cena, como se fosse dar-lhe água. A moça está cambaleante. Rádio: música aumenta)*

#### CENA 4

*(Sala de trabalho de Rosa. As duas entram no local conversando. Fernanda usa outra roupa e está abatida. Rádio: fusão da melodia anterior com nova música)*

Fernanda - Foi isso que aconteceu, Rosa.

Rosa - Acho que a primeira providência deve ser fazer um exame seguro pra confirmar se está grávida.

Fernanda - E se eu estiver?...

Rosa - Aí, você deve ir à maternidade fazer o pré-natal.

Fernanda - São muitos exames que eu vou fazer, não é? Isso deve custar um dinheirão.

Rosa - Olha, Fernanda, a lei garante o direito da mulher grávida fazer o pré-natal

na rede pública, através do sistema único de saúde. Tá no oitavo artigo do Estatuto da Criança e do Adolescente. Eu tenho estudado a lei por causa daquele projeto que eu te falei...

**Fernanda** - No papel, é uma coisa... Mas quando a gente precisa...

**Rosa** - Veja bem. Aqui no centro de mulheres, a gente atua como um grupo de defesa dos direitos da mulher. Você pode receber orientação, denunciar...

**Fernanda** - Desculpa, Rosa. Depois do que aconteceu comigo, eu não consigo acreditar em mais nada.

**Rosa** - Mas você sabe que pode contar comigo.

**Fernanda** - Já faz oito dias que ele não aparece. Eu só tô esperando pra ver até onde vai aquela cara de pau...

**Rosa** - Olhe, Fernanda. Tá na hora de você pensar em si mesma. Faça o exame...

**Fernanda** - Pode ser que nem seja gravidez, não é? Minha menstruação é tão irregular...

*(Rosa pega alguns papéis, e as duas saem de cena durante as duas últimas falas. Rádio: música aumenta)*

## CENA 5

*(Os dois se encontram na rua. Cada um entra em cena do lado oposto. Rádio: fusão de música anterior com nova melodia)*

**Roberto** - Fernanda ?

**Fernanda** - *(irônica)* ah... Quem é vivo sempre aparece...

**Roberto** - Eu sumi, não foi, Nandinha?...

**Fernanda** - Você é muito cara de pau, hein? Já faz um mês que eu tento falar com você e nada!

**Roberto** - Que é isso, Fernandinha?...

**Fernanda** - Fernandinha, coisa nenhuma! Você não tem vergonha? A gente já tava noivo há dois anos, e você é casado!?

Roberto - Meu casamento não existe... Eu nem agüento olhar a cara de Milena...

Fernanda - E já tá no terceiro filho?

Roberto - O que é que eu posso fazer? Ela é minha mulher....

Fernanda - E eu? Não sou nada?

Roberto - Se não fosse, eu não tava aqui...

Fernanda - Eu tô com uns quatro meses de gravidez...

Roberto - Não tem problema, não. Eu tenho dinheiro...

Fernanda - E daí?

Roberto - Eu pago. Amanhã mesmo tu tira essa criança.

Fernanda - E quem disse que eu quero abortar?

Roberto - Então, fique por sua conta. Não quero mais criança.

Fernanda - Se não quisesse, tinha usado camisinha. Eu vivia pedindo...

Roberto - E eu lá tenho culpa se tu não pode tomar anticoncepcional?

Fernanda - Você sabe que o problema não foi esse!

Roberto - Olha, Fernanda... Tem a minha família, entende? São cinco anos de casamento.

Fernanda - A gente namora há mais de três anos...

Roberto - Eu só casei porque Milena engravidou. Agora, ela acabou de ter um filho meu. Não posso largar a minha mulher!

Fernanda - E quem disse que eu quero que você largue? Eu só quero que você assuma que é pai dessa criança.

Roberto - Se depender de mim, você tira ela amanhã.

Fernanda - Mas é teu filho...

Roberto - O filho é teu. Eu sei lá com quem você andou...

Fernanda - Como é?

Roberto - Pensa que eu não sei das tuas histórias?

Fernanda - Não acredito que você tá dizendo isso...

Roberto - Você tá querendo é um otário pra te sustentar, não é?

Fernanda - Roberto! Eu trabalho!

Roberto - Esse teu empreguinho de bosta? Com essa tua família fracassada?

Fernanda - Quando foi pra te emprestar dinheiro, minha família servia!

Roberto - Ah, me deixa em paz, mulher. Vai fazer drama pra lá, vai!

*(Roberto sai de cena durante a última fala. Ela sai imediatamente pelo lado oposto.  
Rádio: música aumenta)*

## CENA 6

*(Quarto de hospital. Rádio: fusão da música anterior com nova melodia)*

Rosa - Fernanda! Você tá bem?

Fernanda - Tô sim... Minha mãe te avisou?

Rosa - Foi sua irmã. Eu tomei um susto quando ela me disse que você tinha dado à luz.

Fernanda - Esse danadinho tava com pressa. Nasceu prematuro. Foi hoje de madrugada. Olha que gracinha...

Rosa - Menina, ele é grandão...

Fernanda - Aqui é legal...eles deixam o bebê ficar perto da mãe...

Rosa - Os hospitais da rede pública têm que cumprir a lei, né?

Fernanda - A mãe ficar ao lado do filho recém-nascido...isso tá na lei?

Rosa - Por incrível que pareça, tá no artigo dez do Estatuto da Criança e do Adolescente. Já fizeram o exame do pezinho?

Fernanda - Tudo ok.

Rosa - A lei é bem feita. Ela obriga os hospitais, maternidades e clínicas a darem a declaração de nascimento do bebê...

Fernanda - Como a gente desconhece a lei, né?...

Rosa - O pai tá sabendo.... ?

**Fernanda** - Eu sei que tá...

**Rosa** - Vocês nunca mais conversaram?

**Fernanda** - Ele ficou dizendo que o filho não era dele! Imagina se quero ter algum contato com uma criatura dessas!

**Rosa** - Mas você sabe que existe um exame que comprova se o homem é pai ou não?

**Fernanda** - Sei.

**Rosa** - A lei também garante o exame de paternidade. Em qualquer tempo.

**Fernanda** - Olha, Rosa, enquanto eu puder, prefiro criar meu filho sozinha. Depois eu penso sobre isso.

*(Black-out. Rádio: música aumenta)*

## CENA 7

*(Sala de trabalho de Rosa. Rádio: fusão entre melodia anterior e nova música)*

**Fernanda** - Pois é, Rosa. Ontem foi meu último dia de aviso prévio.

**Rosa** - Desempregada, com um filho pra criar...

**Fernanda** - Pois é. Eu tô saindo atrás de trabalho... Se você souber de alguma coisa...

**Rosa** - Pode deixar...

*(O telefone toca. Rosa o atende.)*

**Rosa** - Alô ? É Rosa... Tá aqui, sim... Calma, eu vou passar pra ela. Fernanda, é pra você.

**Fernanda** - Alô... O quê? Ai, meu Deus ! Eu tô indo pra lá.

**Rosa** - O que foi?

**Fernanda** - Aconteceu alguma coisa com o meu filhinho!

**Rosa** - Espera, eu vou com você!

*(As duas saem de cena. Rádio: música aumenta)*

CENA 8

*(Hospital. Rádio: fusão entre música anterior e nova melodia)*

**Doutora** - O pior já passou, senhora. Ele vai ficar aqui no hospital em observação. A senhora pode ir pra casa.

**Fernanda** - E meu filho vai ficar sozinho?

**Doutora** - Ele está na U.T.I. Não precisa que a senhora fique.

**Fernanda** - Eu não vou deixar meu filho sozinho com gente estranha. Se ele acordar, vai ficar apavorado...

**Rosa** - O menino só tem dois anos!

**Fernanda** - Eu sei que eu tenho direito de ficar perto do meu filho!

**Doutora** - *(suspira)* Eu vou ver onde a senhora pode ficar.

*(A enfermeira sai e é seguida pelas duas mulheres. Black-out. Rádio: música aumenta.)*

CENA 9

*(Sala do trabalho de Rosa. Fernanda chega agitada. Rádio: fusão da música anterior com nova melodia)*

**Fernanda** - *(ansiosa)* Oi, Rosa!

**Rosa** - Quer tirar as férias da recepcionista?

**Fernanda** - Ô, se quero! Tô há quatro meses sem trabalhar...

**Rosa** - Já indiquei o seu nome.

**Fernanda** - Pôxa... Obrigada!

**Rosa** - Não há de quê. Vamos falar com o advogado? Ele já chegou.

*(As duas se aproximam do advogado, num birô, que está ocupado com alguns papéis. Rádio: sobe som curto)*

**Rosa** - Ricardo? Com licença...

**Ricardo** - À vontade...

**Rosa** - Essa aqui é a amiga de quem lhe falei...



Fernanda - Bom dia...

Ricardo - Bom dia! Pode sentar.

Fernanda - Obrigada...

Ricardo - A senhora deseja que o pai do seu filho assuma a paternidade da criança?...

Fernanda - A Rosa tava me dizendo que Rodrigo poderia receber pensão do pai.

Ricardo - Mesmo a senhora não sendo legalmente casada com ele, Rodrigo tem direitos iguais aos dos outros filhos.

Fernanda - Eu vou ter que recorrer à justiça pro pai fazer o exame médico?

Ricardo - Não obrigatoriamente. O juiz pode entender que a senhora está falando a verdade e que o garoto é mesmo filho dele.

Rosa - Isso demora muito?

Ricardo - Depende. Se o pai aceitar fazer um acordo, pode ser rápido.

Fernanda - E se ele não aceitar?

Ricardo - Pode demorar alguns anos.

Fernanda - Pôxa...

Rosa - Então é melhor encaminhar isso logo, né?

Ricardo - Correto. Quanto mais cedo, melhor.

Fernanda - É muito humilhante eu só vou fazer porque preciso...

Ricardo - Olha, Fernanda, independente de você estar desempregada ou não, do seu filho ter problemas de saúde ou não, o pai deve dividir a responsabilidade de manter o garoto. É um direito do seu filho.

Rosa - E o pai tem condições de pagar pensão, Ricardo!

Ricardo - Primeiro, a gente vai tentar sensibilizar o pai.

Rosa - E se não der pra fazer acordo...

Ricardo - Aí, o caminho é apelar pra justiça.

Fernanda - Vai ser uma barra...

**Ricardo** - Mas você tem a justiça do seu lado.

**Rosa** - E tem os amigos também...

*(Black-out. Rádio: sobe som)*

## 5 - CONSELHO DE DIREITOS - Epsódio 1

### PERSONAGENS

**Dona Tereza** - Vendedora de doces caseiros. Mãe de uma adolescente desajustada.

**Freguesa** - Compradora de doces na feira

**Pedro** - Conselheiro. Conhecido de Dona Tereza. Fica preocupado com a filha dela. Participa do Conselho de Direitos da Criança e do Adolescente no município

**Conselheiro 2** - Participa do Conselho de Direitos

**Conselheira** - Participa do Conselho de Direitos

**Francisca** - É da Pastoral da Criança. Participa do recém-criado “Fórum de Incentivo à Juventude” - FIJ.

### CENA 1

*(Sala do Conselho de Direitos. O conselheiro começa a contar a história. A luz vai diminuindo onde ele está e acende em outro ponto, onde se vê uma barraquinha de feira com doces em lata e em barra. O conselheiro sai de um cenário para o outro, já iniciando a ação. Pode haver pontuação musical para separar as situações. Rádio: música aumenta e vai a BG.)*

**Conselheiro** - Antes da gente começar a reunião do conselho de direitos, eu vou contar o que aconteceu sábado passado. Quando fui à feira, eu encontrei...

*(rádio: a partir de “sábado passado”, voz e música começam a diminuir. Fusão com música alegre. Vozes misturadas de vendedores na feira.)*

Vendedora - Olha a cocada! Olha a rapadura novinha!

Conselheiro - Dona Tereza?

Vendedora - Ô seu Pedro! Como é que vai? Nunca mais apareceu aqui na feira ...

Conselheiro - É a falta de tempo, dona Tereza. Muito trabalho. Cadê os seus meninos?

Vendedora - Já tão servindo ao Exército, seu Pedro! Essa aqui é a minha caçula, tem sete anos. Vem cá, Mariana...

Conselheiro - Oi, Mariana! Tá na escola, né, dona Tereza?

Vendedora - Claro! Essa aqui ainda me obedece.

Conselheiro - E a outra, aquela bem quietinha....

Vendedora - Aquilo tá é malcriada, seu Pedro. Laurinha não estuda, não me ajuda...

Conselheiro - A senhora já conversou com ela?

Vendedora - Já! Até ameacei, que Deus me perdoe, já encontrei ela na rua, cheirando cola, e trouxe à força pra casa.

Conselheiro - Ela deve estar crescida...

Vendedora - Tá com dezesseis anos! Eu não posso mais controlar. O pai, sabe lá Deus onde anda; os irmãos mais velhos foram embora...

Freguesa - Essa cocada tá novinha?

Vendedora - É de hoje, freguesa...

Conselheiro - Eu vou indo, dona Tereza, até logo...

Vendedora - Até logo, seu Pedro...

*(Luz diminui. Nova pontuação musical. O conselheiro retoma seu lugar na sala do conselho. Continua falando como se tudo o que aconteceu fizesse parte de sua narração. Rádio: música aumenta e, segundos depois, diminui.)*

## CENA 2

*(Sala do conselho. Rádio: fusão de música anterior com a primeira música.)*

Conselheiro - Eu saí de lá bastante chateado.

**Conselheira** - Mas esse caso que você contou não é o único. Vocês já viram a quantidade de jovens cheirando cola na rua?

**Conselheira** - Tem aumentado muito.

**Conselheiro** - A gente, do Conselho de Direitos da Criança e do Adolescente, tem que tomar uma atitude.

**Conselheiro 2** - Mas isso é coisa pro Conselho Tutelar.

**Conselheiro** - O Conselho Tutelar pode ir pro meio da rua retirar os jovens de lá e levá-los de volta à família. O nosso papel é outro.

**Conselheira** - É verdade. O Conselho de Direitos discute, acompanha, mobiliza, controla as políticas públicas...

**Conselheiro 2** - Certo...

**Conselheiro** - A gente é que deve garantir um encaminhamento sério pras coisas!

**Conselheiro** - Nós precisamos de iniciativas pra melhorar a vida dessa juventude.

**Conselheira** - Minha proposta é que a gente faça um levantamento que possa servir de base pra uma proposta de ação.

*(Luz cai durante a próxima fala. Rádio: voz vai sendo dissolvida. Música aumenta)*

**Conselheiro 2** - Então vamos definir quem fica responsável por recolher as informações...

*(Black-out)*

### CENA 3

*(Sala do Conselho. Conselheiros estão em posições diferentes e examinam papéis, escrevem, conversam em voz baixa. O conselheiro Pedro entra em cena com uma pasta com vários relatórios, que distribui durante a primeira fala. Pode haver pontuação musical. Rádio: fusão de nova música com canção anterior)*

**Conselheiro** - Boa tarde, gente. Eu trouxe o levantamento sobre a situação das crianças e adolescentes que estão na rua. Passei a semana toda trabalhando nisso.

**Conselheiro 2** - *(folheando)* Quanta informação, hein?

**Conselheiro** - A situação é pior do que eu pensava...

**Conselheira** - Como assim?

**Conselheiro** - Tem jovens na rua cheirando cola , garotas e garotos se prostituindo, largando a escola... Sendo mortos!

**Conselheiro 2** - Extermínio aqui?! É uma tristeza.

**Conselheira** - Tem muitos jovens nessa situação?

**Conselheiro** - Centenas.

**Conselheira** - E como você encontrou essas informações?

**Conselheiro** - Eu recebi ajuda de duas organizações não-governamentais e do Conselho Tutelar.

**Conselheiro** - Olha, gente, qualquer coisa que for feita só vai funcionar se houver articulação de vários setores, inclusive a prefeitura, que é a responsável pela administração e pela execução das ações.

**Conselheira** - Então a gente deve divulgar as informações recolhidas. Vamos tentar sensibilizar as pessoas e organizar um fórum de debates!

**Conselheira** - Concordo. Quanto mais gente estiver envolvida, mais ajuda esses jovens podem ter.

*(Black-out. Pontuação musical. Rádio: música aumenta.)*

#### CENA 4

*(Sala do Conselho. Conselheiro Pedro e Francisca conversam baixo mas animadamente sobre o fórum. Luz acende lentamente enquanto conselheiros entram e cumprimentam-se. Rádio: fusão da música anterior com outra canção.)*

**Conselheiro** - Nesses últimos tempos, o fórum tá crescendo. Francisca veio hoje à reunião do conselho representando o fórum.

**Conselheira** - Francisca, eu gostei muito do nome que vocês criaram: "Fórum de Incentivo à Juventude" - FIJ. Acho que pega.

**Francisca** - Eu já fiz contato com diversas entidades pela Internet. O pessoal tá

interessado em colaborar. A experiência de outras organizações pode servir como referência pro FIJ.

**Conselheiro 2** - Eu tô preocupado com o dinheiro. A verba existente no fundo não dá.

**Francisca** - Que fundo?

**Conselheiro** - O fundo municipal dos direitos da criança e do adolescente. É o conselho quem delibera sobre o orçamento e como ele vai ser aplicado.

**Conselheira** - A gente só tem utilizado o repasse de verbas da União e do Estado, mas o fundo pode captar recursos de outras fontes.

**Francisca** - Como assim?

**Conselheiro** - A gente pode firmar convênio com outras instituições dentro e fora do governo. Pessoa física e pessoa jurídica podem colaborar. O dinheiro é descontado do imposto de renda de quem ajudou.

**Francisca** - Acho que vai ser preciso fazer uma campanha pra conseguir mais dinheiro.

**Conselheiro 2** - Isso pode demorar...

**Conselheira** - Então, mãos à obra!

**Conselheira** - Vamos encaminhar a proposta à Câmara Municipal.

*(Black-out. Pontuação musical. Rádio: música aumenta.)*

## CENA 5

*(Todos os conselheiros estão reunidos numa mesa apreciando cópias de um projeto. Rádio: fusão da música anterior com nova melodia).*

**Conselheiro 2** - Acho que é o maior projeto que a gente já apreciou.

**Conselheira** - Tem muita gente envolvida: conselho, governo, organizações não-governamentais, o fórum, comerciantes...

**Conselheiro 2** - Ainda bem que a gente conseguiu se articular... Porque haja má vontade de alguns setores! Tem coisa que podia ser muito mais fácil e acaba emperrando...

**Conselheira** - Olha, eu milito há muito tempo e posso dizer: é muito vício, é muito paternalismo! Muita gente querendo o poder!

**Conselheiro 2** - Até que o Conselho de Direitos tem funcionado bem!

**Conselheiro** - Isso aqui melhorou cem por cento. Lembra no começo?

**Conselheira** - Ninguém sabia nada do Estatuto, ninguém se entendia...

**Conselheiro 2** - E olhe que só dois municípios no Estado têm Conselho de Direitos e Conselho Tutelar funcionando.

**Conselheiro** - Será que é assim em todo país?

**Conselheira** - Não sei . Mas acho que faz parte do aprendizado, né? Discordância e falta de vontade política existem em todo lugar.

**Conselheiro 2** - Acho que é preciso estar sempre lembrando do objetivo maior que a gente tem: construir uma vida melhor para crianças e adolescentes.

**Conselheira** - Tem toda razão...

*(Rádio: música vai aumentando e vozes diminuindo)*

**Conselheiro** - A gente tem muita coisa pra discutir, gente...

**Conselheira** - Vamos ver a pauta da reunião...

*(Black-out. Pontuação musical. Rádio: sobe som curto. Música diminui para entrada de narrador)*

**Narrador (rádio)** - Essa história não termina aqui. A seguir, entra em cena o Conselho Tutelar.

*(Rádio: música sobe)*

## 6 - CONSELHO TUTELAR - Episódio 2

### PERSONAGENS

**Rivaldo** - Alcoólatra. Pai de Maria Cristina.

**Maria Cristina** - Adolescente de treze anos. Revoltada com o problema de Rivaldo, entra em constante atrito com os pais.

**Marisa** - Casada com Rivaldo, mãe de Maria Cristina e outros filhos pequenos.

**Conselheiro 1** - participa do Conselho Tutelar. É o mais técnico.

**Conselheiro 2** - participa do Conselho Tutelar. É o mais emocional.

### CENA 1

*(Sala da casa. Os personagens entram em cena como se já viessem discutindo de outro cômodo. O pai tem a voz arrastada, de quem já bebeu além da conta. Rádio: música dramática explode e vai a BG até o fim da cena.)*

**Pai** - Filha minha tem que ter respeito!

**Filha** - Respeito quem tem que ter é o senhor! Só vive de cara cheia!

**Mãe** - *(medrosa)* Maria Cristina! Isso é jeito de falar com o seu pai?

**Filha** - Ele bebe o dia inteiro! Só fala com a gente gritando!

**Pai** - Cala a boca! Na minha casa eu falo como eu quiser!

**Mãe** - *(chorando)* Rivaldo! Não vamos brigar, não.. .

**Filha** - É impossível viver em paz com ele nessa casa!

**Pai** - A gente se sacrifica por filho, Marisa, pra quê? Daqui a pouco, tá batendo na gente ...

**Filha** - *(amarga)* Pois se eu pudesse, cada vez que encontrasse o senhor bêbado, largado na rua, sentava a mão, igualzinho ao que o senhor faz com a gente...

**Pai** - Miserável!



Mãe - Não, Rivaldo!

Pai - Se ficar na frente, apanha junto com a filha...

*(Filha sai de cena e continua falando. Rádio: voz da filha fica mais distanciada)*

Filha - *(chorando)* Covarde!

Pai - Se botar o pé fora dessa casa, não precisa mais voltar!

Mãe - Não, minha filha!

Pai - Fora daqui, miserável!

Mãe - Rivaldo! Ela é sua filha!

Pai - Eu não tenho mais filha! *(gritando)* Eu não tenho mais filha!

*(O pai sai de cena e é seguido pela mãe, que chora. Black-out. Rádio: soluços da mãe. Música sobe e dissolve.)*

## CENA 2

*(Sonoplastia entra durante o black-out. Música de suspense mixada com som de sirene de polícia. Gritos agudos dão a idéia de que pessoas jovens foram detidas pela polícia. Outra música quebra o clima de suspense. O telefone toca na sala do Conselho Tutelar. O conselheiro que está sentado perto do aparelho atende a ligação)*

Conselheiro 1 - Conselho Tutelar, bom dia! Sim. Quando? Não é possível! Prenderam as crianças? Como? Que absurdo! Ok, nós vamos averiguar. Muito obrigado, viu? Sempre que souber de alguma coisa, pode contar pra gente.

*(Rádio: som de telefone colocado no gancho.)*

Conselheiro 2 - O que foi, Rinaldo? A polícia?

Conselheiro 1 - É! Prendeu crianças e adolescentes ontem à noite.

Conselheiro 2 - Quantos?

Cons.1 - Seu José não sabia dizer.

Cons.2 - Eles fizeram alguma coisa?

**Cons.1** - Parece que tavam dormindo na rua e foram obrigados a entrar no camburão. Tão na delegacia até agora!

**Cons.2** - Prisão ilegal, fere o Estatuto da Criança e do Adolescente. Levar de camburão desobedece o artigo cento e setenta e oito...

**Cons.1** - A gente precisa ver se isso tudo é verdade e tomar as providências.

**Cons.2** - Por que isso, hein? Eles já conhecem a lei!

**Cons.1** - O delegado não é o marido da secretária de turismo?

**Cons.2** - Entendi... Hoje começa aquele encontro de agentes turísticos..

**Cons.1** - E o delegado maridinho resolveu dar um jeito na cidade...

**Cons.2** - Não é possível!

**Cons.1** - É, pode não ser, né? Vamos lá descobrir.

*(Os dois pegam suas pastas e saem de cena. Black-out. Rádio: música aumenta e dissolve.)*

### CENA 3

*(Sala do Conselho Tutelar. Os dois conselheiros chegam. Rádio: nova música entra em fusão com tema anterior.)*

**Cons.1** - Tá vendo que a prisão era mesmo ilegal?! ..

**Cons.2** - Os outros conselheiros já encaminharam o garotinho pra família dele. Só faltam as duas adolescentes.

**Cons.1** - Você viu, rapaz? A garota de dezesseis anos é a filha de dona Tereza, lembra? Que vende doce na feira!

**Cons.2** - Eu conheci a filha dela garotinha... A menina tá completamente dependente de cola de sapateiro. Não quer voltar pra casa de jeito nenhum.

**Cons.1** - É a outra garota, a Maria Cristina! Diz que o pai vai matá-la se voltar.

**Cons.2** - Se o município tivesse um abrigo ...

**Cons.1** - Mas não tem. Vamos pedir socorro à Pastoral de novo.

**Cons.2** - Elas ficam lá um tempinho enquanto a gente vê um jeito de levar as duas de volta pra casa.

*(Black-out. Rádio: sobe som e dissolve a música lentamente)*

#### CENA 4

*(Os conselheiros caminham procurando um endereço. Rádio: fusão da música anterior com nova música. Motor de carro ligado, como se a conversa se passasse dentro de um automóvel.)*

**Cons.2** - Pelo menos, dona Tereza quer a filha de volta.

**Cons.1** - É, mas Laura precisa de um acompanhamento sério, se não, acaba de novo na rua.

**Cons.2** - Eu acho que a casa da outra menina é essa aí.

*(Eles batem palmas. Rádio: motor de carro pára. Depois, palmas.)*

**Cons.2** - Ô de casa! *(bate mais palmas)*

Mãe - Sim?

**Cons. 2** - Aqui é a casa da Maria Cristina Barroso?

Mãe - É sim. Aconteceu alguma coisa com a minha filha? Vocês são do Juizado de Menores?

**Cons.1** - Não, senhora. O Juizado de Menores não existe mais. Nós somos do Conselho Tutelar.

**Cons.2** - O Conselho é um órgão ligado à administração municipal.

Mãe - Desculpe, mas eu não tô entendendo... O que vocês fazem?

**Cons.1** - O que a gente faz é garantir que as crianças e os adolescentes tenham seus direitos respeitados e sejam atendidos no dia-a-dia.

Mãe - Ah, então podem entrar.

*(Rádio: porta é aberta e fechada).*

Mãe - Vocês sabem da minha filha?

**Cons.1** - Ela está na Pastoral da Criança por um tempo. Mas a gente veio aqui saber o que foi que aconteceu, dona....

**Mãe** - Marisa... É que ela teve um probleminha com o pai...

**Cons.2** - E o pai, dona Marisa, onde está?

**Mãe** - Ele passou mal, tá dormindo...

**Cons.2** - Sua filha me disse que ele tem muitos problemas com bebida.

**Mãe** - É só uma fase ruim. Ele adoeceu, ficou desempregado, quatro filhas, entende? Maria Cristina é a mais velha...eu tenho pedido tanto a Deus...

**Cons.1** - Então é verdade que ele bate muito nela e a proibiu de voltar pra casa?

**Mãe** - Ela ficou muito malcriada, eles viviam brigando...

**Cons.1** - Mas ela mostrou marcas no corpo...

**Mãe** - *(quase chorando)* Ele é um homem bom, moço! Mas de um ano pra cá, quando bebe, se transforma...

**Cons.2** - Veja só, dona Marisa: a gente gostaria de conversar com a senhora e o seu esposo, tá certo?

**Mãe** - Sim, senhor.

**Cons.1** - É contra a lei expulsar de casa uma pessoa com catorze anos.

**Cons.2** - E se o seu marido está perdendo o controle quando bebe, eu acredito que ele precisa de ajuda.

**Mãe** - *(chorando)* Acho que a gente tudinho precisa de ajuda, moço.

**Cons.1** - Então, vamos combinar o seguinte: amanhã, depois do almoço, um de nós vem aqui conversar com vocês, tá certo?

**Cons.2** - Vamos evitar um problema maior, da menina ficar na rua, de vocês serem processados pela justiça... Eu acho que, conversando, a gente pode resolver isso.

**Mãe** - Se deus quiser, moço, se Deus quiser. Eu vou falar com ele.

*(Os dois saem. Rádio: eleva e dissolve lentamente a música)*

CENA 5

*(Os dois caminham enquanto conversam. Rádio: fusão de música anterior com som de motor de automóvel.)*

**Cons.2** - O homem precisa de tratamento pra sair do alcoolismo. A menina precisa largar a cola. Tem muita gente na mesma situação. E nós, quebrando o galho. Já tô cansando.

**Cons.1** - Pois é. O artigo cento e um do Estatuto diz que a gente deve encaminhar a garotada pra um programa que trate e oriente. O cento e vinte e nove diz a mesma coisa, só que pros pais. E cadê os programas pra atender esse povo?

**Cons.2** - E que fim levou a proposta do fórum de incentivo à juventude? O Conselho Tutelar assessorou, lembra? O conselho encaminhou as sugestões de programas baseadas nos problemas que chegam pra gente. E aí?

**Cons.1** - E aí que tá na hora de cobrar do Conselho de Direitos o encaminhamento dos programas e das políticas públicas.

**Cons.2** - Seguinte: na próxima reunião do Conselho Tutelar, a gente discute isso e marca uma reunião com o Conselho de Direitos.

**Cons.1** - Ok.

*(Os dois saem de cena. Black-out. Rádio: entra música que se eleva e dissolve. Som de carro.)*

CENA 6

*(Conselho Tutelar. Um conselheiro está sentado, trabalhando. Outro conselheiro entra em cena com um papel. Rádio: fusão de música da cena anterior com nova música. Vai a bg.)*

**Cons.1** - Olha, chegou ofício do Conselho de Direitos respondendo ao Conselho Tutelar. Pôxa! Eles repetem tudo o que disseram pra gente na última reunião!

**Cons.2** - Deixa eu ver...lamentam, dizem que o projeto tá emperrado na Câmara Municipal, que os vereadores não votam o projeto alegando falta de verbas!

**Cons.1** - E o fundo estadual? E o fundo federal? E o dinheiro das multas que

foram pagas por quem descumpriu o Estatuto?

**Cons.2** - Olhe, o Conselho Tutelar já decidiu o que fazer!

**Cons.1** - Artigo duzentos e vinte do Estatuto: vamos ao Ministério Público.

**Cons.2** - Na próxima reunião, a gente elabora uma petição bem detalhada, como manda o figurino.

**Cons.1** - Nesse documento, vai ter de tudo: descrição dos problemas, quais as soluções, quem deveria executar as ações, o papel da prefeitura, quais os artigos do Estatuto e da Constituição que não estão sendo cumpridos...

**Cons.2** - E mais: a gente deve mostrar que assim não é possível o Conselho Tutelar cumprir as suas funções.

**Cons.1** - Tudo isso tem que ficar bem claro, inclusive o nosso pedido: que a verba do fundo seja usada pra implantar os programas.

**Cons.2** - E que o Ministério Público investigue se a Câmara está lembrando da prioridade absoluta na hora de alocar os recursos.

**Cons.1** - A gente deve se articular com o pessoal do fórum e fazer um barulho bem grande! Chamar a atenção da imprensa e da opinião pública pra fazer pressão...

*(Os dois conselheiros saem de cena conversando. Black-out. Rádio: sobe som.)*

## CENA 7

*(Os dois conselheiros entram conversando na sala do Conselho. Rádio: fusão entre música anterior e nova música.)*

**Cons.2** - Eu tô ansioso!

**Cons.1** - Nossa! É hoje que o juiz vai julgar a ação civil pública, né?

**Cons.2** - É.

**Cons.1** - Se o juiz concordar com o pedido da promotora, a prefeitura vai ser obrigada a criar os programas.

**Cons.2** - É. *(suspira, agoniado)*

Cons.1 - Calma, criatura! O pedido tá bem formulado. A promotora elogiou muito a nossa petição. Ela se baseou no nosso documento pra mover a ação civil pública. Tinha tudo lá!

Cons.2 - Eu sei, eu sei. É que eu tenho medo. Mesmo se a gente ganhar, imagina o tempo que pode demorar até que a prefeitura implante os programas...

*(o telefone toca.)*

Cons.1 - Conselho Tutelar. Sou eu. *(sussurrando)* é a promotora... Sim? Não acredito! Não acredito! *(sussurrando)* nós ganhamos!

Cons.2 - *(grito de alegria)*

Cons.1 - *(rindo)* Desculpe... Decisão liminar? Sério? Notícia boa demais!

Cons.2 - Que foi?! Que foi!?

Cons.1 - Olhe, promotora, eu ganhei a semana com essa notícia! Muito obrigado! Certo! Até logo!

Cons.2 - O que foi, homem?!

Cons.1 - Promotora esperta. Ela pediu ao juiz decisão liminar. Em casos como esse, onde o direito é claramente violado e há perigo do problema aumentar com a demora, o juiz pode determinar que a lei seja cumprida i-me-di-a-ta-men-te.

Cons.2 - *(quase gritando de alegria)* O juiz concordou?

Cons.1 - Afirmativo!

*(Black-out. Rádio: sobe som)*

## CENA 8

*(Casa de Maria Cristina. Todos estão sentados, conversando. Rádio: fusão da música anterior com nova música)*

Cons.2 - Eu tô muito feliz que seu Rivaldo esteja se recuperando.

Mãe - Ele tá naquele programa de ajuda, lá no posto de saúde.

Cons.1 - Eu soube que ele tá indo bem...

Mãe - Ele até conseguiu um trabalhinho na marcenaria. Já faz três meses que Rivaldo não bebe uma gota de álcool.

*(Barulho de porta abrindo e fechando)*

Mãe - É você, minha filha?

Filha - *(entrando em cena)* Sou sim, mãe. Boa tarde!

Cons. 1 e 2 - Boa tarde!

Cons.2 - Tá indo bem na escola, Maria Cristina?

Filha - Tô, sim senhor.

Mãe - Vai coar um cafezinho pros moços.

Filha - *(alegre)* Sim, senhora.

Cons.1 - Não, muito obrigado, dona Marisa, Maria Cristina, mas a gente precisa ir embora.

Mãe - Fiquem mais um pouquinho!

Cons.2 - Muito obrigado mesmo, dona Marisa!

*(Black-out curto. Luz reacende, e os dois estão caminhando e conversando. Rádio: sobe som. Música vai a bg. Fusão com som de motor de carro.)*

Cons.2 - Eu devia ter aceito aquele café... Tô morrendo de fome.

Cons.1 - Pega na minha pasta...

Cons.2 - O quê? Que embrulho legal!.. Doce de leite caseiro... Doce da Terezinha?

Cons.1 - É da Laurinha. Mãe e filha tão trabalhando juntas. A Laurinha tá aprendendo a mexer com computador, se empolgou no cursinho de marketing, criou a embalagem...

Cons.2 - Hum... Que delícia!! Só veio pra você , é?

Cons.1 - Dona Tereza trouxe doce pra todos os conselheiros.

Cons.2 - Cadê o meu?

Cons.1 - Tá lá no Conselho Tutelar!



*(Personagens vão saindo de cena. Luz vai caindo lentamente. Pode haver pontuação musical. Rádio: a partir desse ponto, as vozes vão dissolvendo e uma música alegre vai aumentando.)*

**Cons.2** - Mas rapaz, nem me avisou...

**Cons.1** - E deu tempo? Eu tava tão preocupado com aquela denúncia de violência que nem me lembrei...

**Cons.2** - É você que vai cuidar disso?

**Cons.1** - Não, vai ficar com outro conselheiro...

*(fim)*

## 7 - FAMÍLIA SUBSTITUTA – UMA HISTÓRIA DE ADOÇÃO

### PERSONAGENS

**Zeca** - José Carlos. Possui empresa de informática. Casado com Patrícia, descobre que é estéril.

**Patrícia** - Casada com Zeca. Trabalha com pesquisa, escreve e faz mestrado em sociologia.

**Dinara** - Programadora visual. Montou seu escritório em casa. Vizinha e amiga de Patrícia.

**Assistente social** - trabalha no Juizado da Infância e da Adolescência

### CENA 1

*(Apartamento de Zeca e Patrícia. Rádio: música entra e vai a BG. trinco de porta que abre e fecha.)*

**Zeca** - Patrícia?

**Patrícia** - Oi, meu amor.

*(Zeca beija a esposa. Rádio: estalo de beijo.)*

Zeca - Você demorou. Eu tava preocupado. Seu telefone só dava fora de área.

Patrícia - Meu celular descarregou. Tinha uma fila enorme na ginecologista, por isso eu demorei.

Zeca - Tá com muita fome?

Patrícia - Tô verde.

Zeca - Vou fazer alguma coisa pra gente comer. E a médica?

Patrícia - Passou um monte de exames pra ver se eu tenho algum problema.

Zeca - Se tiver, deve ser alguma besteira, Patrícia. Você vai ver.

Patrícia - Eu queria saber logo se posso ou não posso ser mãe. Essa expectativa me mata.

Zeca - Enquanto isso a gente podia ir tentando... *(risos e beijos)*

Patrícia - Vai queimar!

Zeca - *(desanimado)* Já queimou.

Patrícia - *(rindo)* Esquenta não, Zequinha. Tem uma lasanha no freezer.

Zeca - A salvação da lavoura!

Patrícia - Vou tomar um banho rápido e venho jantar.

Zeca - Rápido, viu, que eu tô morrendo de fome também...

*(Os dois saem de cena. Black-out. Rádio: música aumenta)*

## CENA 2

*(Apartamento de Dinara. Rádio: som de campainha ou batidas na porta. Som de porta abrindo junto com música que toca no apartamento. Porta se fecha após terceira fala.)*

Dinara - Patrícia! Que surpresa boa!

Patrícia - Oi, Dinara. Posso falar com você?

Dinara - Claro, entra! (*porta*) Tá tudo bem?

Patrícia - Mais ou menos...

Dinara - O que aconteceu?

Patrícia - Eu recebi o resultado dos exames e fui à médica.

Dinara - (*apreensiva*) Você não pode ter filhos mesmo?

Patrícia - (*angustada*) Não. Tá tudo certo comigo.

Dinara - (*aliviada*) Então, mulher! Qual é o problema?

Patrícia - A médica acha que o problema pode ser do Zeca.

Dinara - Será?

Patrícia - O pior é que ele sonha mais com um filho do que eu!

Dinara - Os dois, né? Vocês compraram o apartamento já pensando no quartinho da criança...

Patrícia - Que chato...

Dinara - Olha, Patrícia, você pode estar se preocupando à toa. Calma.

Patrícia - É, você tem razão. Nossa, é tarde... Vou nessa.

Dinara - Já, menina? Toma um cafezinho...

Patrícia - Posso não. A empregada tá de férias, hoje é meu dia de fazer o jantar.

(*Black-out. Rádio: música aumenta*)

### CENA 3

(*Apartamento do casal. Ela entra na penumbra. Rádio: fusão da música anterior com música triste. Som de porta abrindo e fechando. Luz acendendo.*)

Patrícia - Que dia. Ai! Que susto, Zeca. Você taí, no escuro...

Zeca - (*triste*) Vem cá...

Patrícia - Você tá estranho. O que foi?

Zeca - Sua médica tinha razão.

Patrícia - Como assim?

Zeca - Eu fui em dois urologistas.

Patrícia - Dois?

Zeca - Eu queria ter certeza do diagnóstico, sabe?

Patrícia - Você tem algum problema?

Zeca - Arram.

Patrícia - Você... Você não pode ter filhos?

Zeca - *(suspira)* É... Desculpe. Desculpe.

Patrícia - Desculpe? O que é isso, Zeca?... *(abraça-o)*

Zeca - Ô... A gente sonhou tanto com um filho...

Patrícia - Os médicos têm certeza? Não há nenhum tratamento?

Zeca - *(arrasado)* Não tem jeito, não. Se você quiser, fala com doutor Ricardo por telefone. Ele explica melhor. Eu não tô com vontade de falar, não.

Patrícia - Vem, vamos jantar...

Zeca - Tô com fome não, minha linda, eu vou deitar.

Patrícia - Eu vou fazer um chazinho pra você, tá certo?

Zeca - Tá bom. Eu vou pro quarto.

Patrícia - Eu chego já.

*(Ela sai de cena enquanto há black-out. Rádio: música aumenta)*

#### CENA 4

*(Apartamento de Dinara. Patrícia está menos triste. Rádio: fusão da música anterior com nova música.)*

Dinara - Eu gosto de te ver assim, dona Patrícia!

Patrícia - Agora, a vida voltou ao normal. Mas foi muito baixo astral lá em casa...

Dinara - Dá pra entender, né? Mas da última vez que eu fui à sua casa, Zeca tava bem.

Patrícia - Tava sim. A gente conversou... Essa história de filho não vai destruir o relacionamento da gente, não.

Dinara - Dizem que a adoção demora muito. Porque você não pega alguma criança que a mãe não queira, abandonada...

Patrícia - Adoção à brasileira não. Eu acho mais correto fazer tudo pelas cias legais, entende?

Dinara - Patrícia... Você já pensou em adotar uma criança?

Patrícia - Já.

Dinara - Vocês conversaram sobre isso?

Patrícia - Não. Eu queria entender melhor o significado da maternidade, entende?

Dinara - Como assim?

Patrícia - Eu tenho pensado na importância de ter um filho, na gravidez em si, nove meses de espera, a barriga e, depois... Ver uma criança se desenvolvendo, ser responsável por ela...

Dinara - Olha, Patrícia, eu tenho que te confessar uma coisa: minha primeira filha foi um acidente, sabe? Agora, eu gosto muito de ser mãe. Mas eu demorei um tempo me habituando com a situação...

Patrícia - Eu imagino. Tô pensando em conversar com Zeca sobre o assunto.

*(Black-out. Rádio: música aumenta)*

## CENA 5

*(Zeca está lendo um livro. Patrícia entra na sala. Rádio: fusão da música anterior com nova música.)*

Patrícia - Zeca?

Zeca - Oi?

Patrícia - Você... Você já pensou em adotar uma criança?

Zeca - Já.

Patrícia - Eu também. Tenho pensado muito sobre isso.

Zeca - O que você acha? Você tem vontade?

Patrícia - Tenho sim. Antes eu pensava que ter um filho podia servir pra nos aproximar mais. Só que eu percebi que a gente não precisa de uma criança pra segurar o casamento.

Zeca - Tem certeza?

Patrícia - Da minha parte, sim.

Zeca - Da minha também. Na verdade, eu gosto de criança. A gente não é milionário, mas tem uma situação legal. O que me preocupa é... E o seu desejo de engravidar?

Patrícia - Pra eu ser mãe, a criança tem que nascer da minha barriga? E a capacidade de amar, de onde nasce ?

Zeca - Tá dentro de você...tá em mim...

Patrícia - Tá vendo... Eu acho que a gente podia tentar...

Zeca - Eu tenho certeza!

*(Black-out. Rádio: música sobe)*

## CENA 6

*(Sala do juizado da infância e da adolescência. Rádio: fusão de música anterior com nova música.)*

Assistente - Senhora Patrícia e senhor José Carlos... Os dois já estão inscritos aqui no Juizado da Infância e da Juventude. Mas antes de serem aprovados, vocês vão passar pelos procedimentos que eu expliquei.

Zeca - Avaliação psicológica, comprovação de renda...

Patrícia - A assistente social que vai vistoriar a nossa casa vai ser a senhora?

Assistente - É provável que sim.

Zeca - E isso não demora muito?

Assistente - Se eu disser que é da noite pro dia, tô mentindo. Mas não é tão demorado assim...

Patrícia - É só isso, então?

**Assistente** - É como eu falei. Vocês irão dizer se tem alguma restrição: se tem preferência pelo sexo da criança, características físicas, idade...

**Zeca** - A gente preferia que a criança tivesse até cinco anos. Poderia ser um bebê também.

**Patrícia** - É só porque a gente gostaria de acompanhar o desenvolvimento dele, a senhora entende?

**Assistente** - Sexo, cor ...?

**Zeca** - Se ela fosse branca, ficaria mais parecida com a gente...

**Patrícia** - É, mas se não for, não tem problema nenhum!

**Assistente** - Então vocês colocam tudo isso na ficha, ok?!...

**Zeca** - Certo. Demora muito, dona Magda? Eu ouvi na televisão que demora anos, que tem gente até que não consegue adotar...

**Assistente** - Tem uma coisa que nunca se fala nessas reportagens: as pessoas fazem muitas restrições às crianças.

**Patrícia** - Como assim?

**Assistente** - Tem gente que só quer adotar se for um bebê recém-nascido, louro, de olhos claros...

**Zeca** - Mas não são vocês que perguntam isso pra gente?

**Assistente** - A gente tem que perguntar, é justo. Mas pense bem: a grande maioria das crianças que precisam de uma família substituta tem pele escura. Muitas são desnutridas porque não receberam a alimentação e os cuidados que mereciam. Isso não é apenas no Nordeste, não. Em outras regiões também...

**Zeca** - Eu não tinha pensado nisso.

**Assistente** - Ainda tem o caso das maiores. As pessoas preferem as pequenas. Aí, se você limita o universo, fica mais difícil pra gente encontrar a criança com aquelas características. E olhe que nós estamos falando de gente, não de mercadoria que se escolhe na loja.

**Patrícia** - A senhora tem razão...

**Assistente** - Mas é com isso que a gente tem que lidar, não é?

Patrícia - Nada é perfeito.

Zeca - Olha aqui, a ficha está preenchida.

*(Black-out durante a próxima fala. Rádio: próxima fala será dissolvida enquanto música sobe.)*

Assistente - Muito obrigada, seu José Carlos. Vocês já querem marcar o encontro com o nosso psicólogo?

## CENA 7

*(Apartamento do casal. Patrícia está com uma bolsa grande de viagem. Rádio: fusão de música anterior com nova música.)*

Dinara - Pode deixar que eu molho as suas plantas, Patrícia!

Patrícia - Bota pouca água nas violetas...

Dinara - Tudo bem, criatura. Aproveita essa folga pra relaxar...

Patrícia - Olha... Você tá com o telefone da minha mãe?

Dinara - Você me deu umas quinhentas vezes...

Patrícia - Se alguém do Juizado da Infância e da Juventude ligar...

Dinara - Patrícia... Já se passaram nove meses e nada. Você vai esperar uns dois anos. Essas coisas de adoção demoram...

Patrícia - *(desanimada)* É... Você tem razão. *(saindo)* Bom, qualquer coisa, me liga que eu volto na hora...

Dinara - Tudo bem! *(meio gritado)* Lembranças aos seus pais!

Patrícia - *(de longe)* Ok!

*(Patrícia começa a ajeitar alguma coisa no apartamento e se prepara para sair do lugar. O telefone toca. Rádio: sobe som uns 3 seg e abaixa. O telefone toca.)*

Dinara - Alô? É sim. Ela viajou de férias. Quer deixar recado? *(empolgada)* Ligar pro juizado? Apareceu uma criança? Jura? Onze meses, que gracinha! Pode deixar, eu aviso. Em dois dias, eles vão até aí!

*(Black-out. Rádio: música sobe.)*



CENA 8

*(Apartamento do casal. Rádio: fusão de música anterior com nova música.)*

Dinara - É uma menina, que gracinha!

Patrícia - Tão miudinha, meu Deus!

Zeca - A assistente social achava que a gente não ia querer porque ela não é branca. Que absurdo!

Patrícia - Mas tem gente assim, né, Zeca?! Acredita que ela foi abandonada na rua, Dinara?

Dinara - Que crime! Ela tá desnutrida, né?

Zeca - Vai precisar de cuidados especiais.

Patrícia - Ela é tão quietinha...

Zeca - Agora... Em pouco tempo, eu quero ver ela danada, pulando e correndo nesse apartamento...

Dinara - Mas vocês têm que passar no estágio de convivência!

Zeca - A gente passa. É um período normal. O juiz determina isso pra ter certeza de que a criança e os novos pais estão se adaptando bem.

Patrícia - Mas no caso dela, que tem menos de um ano, esse estágio é menor. O nosso é de um mês.

*(A luz vai caindo em resistência durante a conversa. Rádio: dissolve a próxima fala. Eleva a música.)*

Dinara - Vocês já levaram a menina ao pediatra?

Patrícia - Já. Eu queria orientação sobre a comidinha dela, se tem que fazer algum exame....

CENA 9

*(Sala do juizado. Rádio: fusão da música anterior com música alegre)*

Patrícia - Então, tá tudo certo?

Assistente - Todos os documentos estão em ordem. A partir de agora, vocês são

legalmente pai e mãe de Vitória Celeste.

Zeca - Ela é nossa filha mesmo, né?

Assistente - É sim. De acordo com o artigo quarenta e um do Estatuto da Criança e do Adolescente, ela tem os mesmos direitos e deveres, é herdeira ... É filha de verdade!

Patrícia - Ótimo! E vocês vão continuar supervisionando a gente?...

Assistente - É de praxe. Vocês vão participar do grupo?

Zeca - Eu gostei da idéia. Não tenho nenhuma experiência em ser pai...

Assistente - O grupo é acompanhado por um dos melhores psicólogos dessa área. O trabalho é especialmente importante quando começam a surgir os primeiros conflitos...

Patrícia - Contar ou não contar pra criança que ela é adotada?

Assistente - Esse e outros que possam aparecer. Mas não se preocupem antes da hora...

Zeca - Eu tô preocupado é que tá na hora da comida da minha filha.

Assistente - *(ri)* Até que enfim um final feliz pra variar...

Zeca - Final nada. Essa história está começando agora.

Assistente - Boa sorte pra vocês.

Zeca - Obrigado!

Patrícia - Obrigada ...

*(Black-out. Pode haver pontuação musical. Rádio: música alegre sobe.)*

## 8 - RESPONSABILIDADE SOCIAL

### PERSONAGENS

**Danuza** - Empresária, publicitária bem sucedida. Solteira e sem filhos. Vive num condomínio de luxo.

**Zefa** - Empregada doméstica de Danuza. Mora numa comunidade pobre atrás do condomínio de luxo.

**Regina** - Amiga e vizinha de Danuza.

**Carlos** - Especialista em educação. Fundou e coordena ONG que desenvolve projetos de arte-educação para crianças e adolescentes.

**Empresário** - Vizinho de Danuza

### CENA 1

*(Cozinha de Danuza. Ela entra em cena espirrando e visivelmente gripada. Rádio entra música e vai a BG.)*

**Danuza** - Atchim!! Zefinha...

**Zefa** - Sim, senhora, dona Danuza.

**Danuza** - Faz um chazinho pra mim, por favor...

*(Incomodada, Danuza tenta matar os mosquitos. Rádio: algumas palmas como se matasse um mosquito.)*

**Zefa** - A senhora vai tomar aqui ou no quarto?

**Danuza** - Aqui na cozinha mesmo. Não agüento mais aquele quarto. Atchim! *(funga)*

**Zefa** - E a febre? Passou?

**Danuza** - Tá pouquinha. Eu tinha tanta coisa pra fazer hoje...

**Zefa** - O jeito é descansar...

*(Danuza novamente tenta matar mosquitos. Rádio: uma palma como se matasse um mosquito.)*

Danuza - Tem tanto mosquito... Todo dia é assim?

Zefa - Essa hora é fogo.

Danuza - Eu sei que eu não páro muito em casa, mas, antigamente, não era assim não...

Zefa - É por causa do lixo aí atrás do prédio.

Danuza - Que lixo? Eu nunca vi nada...

Zefa - Ah, de carro a senhora não vê, não. Olha da área de serviço...

Danuza - Atchim! Nossa, que imundície! Zefinha! Tem um monte de crianças brincando no lixo! Que horror!

Zefa - (*rindo*) São os trombadinhas da minha favela!

Danuza - Mas deve ter rato! (*funga*) elas podem pegar uma doença...

Zefa - Ahhh, esses meninos só vivem na rua.

Danuza - Essas crianças não vão à escola?

Zefa - Sei lá! Olha aqui o seu chá.

Danuza - Obrigada, Zefa. Me traz o repelente, por favor?

Zefa - Sim, senhora.

(*Black-out. Rádio: música sobe.*)

## CENA 2

(*As mulheres entram caminhando e conversam diante do elevador. Rádio: fusão de música anterior com nova música.*)

Danuza - Eu fiquei espantada, Regina, aquelas crianças ali... Junto do prédio da gente!

Regina - Vai me desculpando, Danuza, mas você tá com pena daquelas crianças porque não tem filhos...

Danuza - Não é verdade, se você visse as coitadinhas...

**Regina** - Pois aquelas coitadinhas roubaram o tênis do meu filho mais velho e a mochila do mais novo.

*(Rádio: som de elevador subindo.)*

**Danuza** - Quando foi isso?

**Regina** - Duas vezes esse ano. Quando a babá tentou defender, os meninos de rua cortaram o braço da coitada. Ela levou quatro pontos! Foi um transtorno, você nem imagina!

**Danuza** - Eu não sabia...

**Regina** - Eu fiquei apavorada. Tem lugares onde tão matando por um par de tênis!

**Danuza** - A violência é uma doença...

**Regina** - Resultado: a escola é ali pertinho, mas a gente manda o motorista levar e buscar todo dia de carro.

**Danuza** - Poxa, eu lamento muito que isso tenha acontecido...

**Regina** - Eu também, Danuza.

**Danuza** - Mas me diz uma coisa: como é que você sabe que os assaltantes eram dessa favela?

**Regina** - Ué? E de onde mais podiam ser? Olhe, antigamente, quando eu fazia *cooper*, sempre aparecia um desses meninos pedindo alguma coisa. Agora, minha filha, tive que contratar meu *personal trainer*, um professor de educação física ótimo. Correr na vizinhança? Nunca mais...

*(As duas saem de cena como se entrassem no elevador. Rádio: som de elevador parando. Música sobe.)*

### CENA 3

*(Sala de escritório. Celular toca. Rádio: fusão da música anterior com toque de telefone celular. Música dissolve.)*

**Danuza** - Alô? É Danuza. Oi, Clara! Tá no jornal ainda? Eu também. A gente tá fechando uma campanha publicitária, não tenho hora pra sair do escritório.

Hum...tá. Essa instituição trabalha com o pessoal daquela favela? Chega às famílias através das crianças. Entendo. É o quê? Uma O -N -G? O trabalho é sério ou é enrolação? Mesmo? Ah, eu queria uma cópia dessa matéria. Pode mandar por fax aqui pro escritório? Quando eu estiver mais livre, tô pensando em conhecer esse pessoal. Ahh, com certeza! Quando essa campanha for aprovada, eu vou ter mais tempo! Mas você também só vive trabalhando nesse jornal....

*(Luz cai lentamente a partir do “com certeza”. Rádio: música entra a partir do “com certeza” e sobe no fim da fala)*

#### CENA 4

*(Sala de uma organização social. Rádio: fusão da música anterior com nova música)*

**Carlos** - Então, a nossa organização se baseia no Estatuto da Criança e do Adolescente. Veja, Danuza, com o Estatuto, os Estados e Municípios, obrigatoriamente, têm que oferecer o ensino fundamental.

**Danuza** - Carlos, se você está me dizendo que educação é uma política social básica, por que a sua entidade começou a desenvolver outros projetos?

**Carlos** - Há tantos problemas que a gente esquece que educação não significa apenas ensino.

**Danuza** - Ahh...

**Carlos** - Eu acho que a criança e o adolescente não deveriam ser tratados somente como objetos de ações e políticas.

**Danuza** - Como assim?

**Carlos** - Eu acho que eles devem ser incorporados de modo ativo, como agentes, de maneira que possam praticar a cidadania.

**Danuza** - Não é simples assim...

**Carlos** - Eu não disse que era simples...

**Danuza** - Eu acho que esses jovens foram incorporados numa realidade perversa. Eles são vítimas mas também agentes da violência. Eu vejo é que as pessoas já associam pobreza e violência. E a população reage a isso com mais agressividade...

**Carlos** - Mas você tem que ver o que está acontecendo com o mundo.

**Danuza** - Também não é assim...

**Carlos** - O mundo é violento. Nunca pára de ter guerra, a televisão mostra isso pras pessoas. O cinema mostra violência, as revistas, os vídeo games, a rua, e, em muitos casos, a família. E a indiferença também agride.

**Danuza** - Concordo. A violência já chegou à classe média há muito tempo. Atinge a todos, mas de modo diferente.

**Carlos** - O problema é que só se discute isso quando um adolescente de classe média pega uma arma e assalta ou mata alguém.

**Danuza** - Eu me incomodo com a situação dos jovens, porém confesso que tenho medo. É uma vergonha... Uma mulher de quarenta anos dizer que tem medo de um menino de dez , mas é verdade.

**Carlos** - Hoje em dia, as pessoas têm muitos motivos pra ter medo, eu entendo o que você diz. Eu trabalho com crianças e jovens há mais de vinte anos e lhe digo: mais medo ainda eu tenho da generalização.

**Danuza** - Generalização de quê?

**Carlos** - De ligar violência à pobreza. De sempre achar que um jovem pobre é uma ameaça em potencial. Essa idéia de que se alguém comete um crime, então, todos cometerão. ..

**Danuza** - Eu entendo, sim. Entendo muito bem.

**Carlos** - Olha, eu tenho uma curiosidade... Não é comum uma pessoa como a senhora gastar o seu tempo, vir aqui, conversar sobre esse assunto...

**Danuza** - É que eu tenho alguns motivos pessoais pra me interessar sobre infância pobre...e pode me chamar de você, viu? Ih, já está na minha hora...

**Carlos** - Então tá... Nesse envêlope tem informações bem detalhadas sobre os programas que a gente desenvolve, os projetos que precisam de financiamento pra continuarem, inclusive aquele na comunidade vizinha do condomínio onde você mora.

**Danuza** - Eu vou ler com atenção.

**Carlos** - Se quiser, depois de ler, ligue pra mim.

**Danuza** - Pode deixar.

*(Os dois apertam as mãos enquanto luz cai. Rádio: música sobe)*

## CENA 5

*(Cozinha da casa de Danuza. Eles bebem alguma coisa. Rádio: música em fusão com anterior.)*

**Carlos** - Olha, Danuza, eu nunca captei recursos dessa forma. Eu já vi experiências de condomínios fornecerem cesta básica para famílias, coisas assim, mas a sua idéia é mais ousada...

**Danuza** - Na festa de amanhã à noite, você vai conhecer alguns moradores do condomínio que são mais próximos de mim.

**Carlos** - Mas eles virão mesmo?

**Danuza** - Virão sim. Eu já falei que ia apresentar você. Não significa que eles irão apoiar o projeto, mas é uma chance pra você expor as suas idéias.

**Carlos** - Ok, Vamos lá.

*(Os dois caminham e passam para outro aposento. Luz cai. Rádio: música sobe.)*

## CENA 6

*(Sala de Danuza. Várias pessoas conversam em pequenos grupos. Rádio: fusão da música anterior com murmúrios, um jazz. Clima de festa íntima.)*

**Empresário** - A idéia do projeto parece boa... Mas o que me garante que as pessoas dessa comunidade irão participar?

**Carlos** - Veja, Henrique. A escolha dessa comunidade pra implantação do projeto não foi aleatória. A comunidade já tem um certo nível de organização. As duas escolas municipais que existem lá são fruto de anos de esforço daquelas pessoas. O posto médico foi montado pela associação de mães.

**Empresário** - Mas as fotografias que Danuza mostrou pra gente são perturbadoras. Tem gente morando praticamente no lixo!



**Carlos** - O carro que coleta o lixo não entra lá. Sabe por quê? Na parte melhor da favela há várias ruas sem calçamento que constam na prefeitura como se já estivessem calçadas. Lá dentro da favela não existem ruas. São becos estreitos com esgoto a céu aberto.

**Regina** - Deus abençoe...

**Carlos** - Uma das iniciativas da comunidade é participar de um programa onde a prefeitura forneça o material e a comunidade entre com a mão-de-obra pra fazer o serviço.

**Regina** - Eu acho que certas iniciativas deveriam partir do governo!

**Carlos** - Existe uma instância da qual eu faço parte, que é o Conselho de Direitos. É um espaço de participação social onde a sociedade civil e o governo estão representados de forma igual. Nós do Conselho formulamos propostas de políticas públicas para combater os problemas que afetam as crianças e os adolescentes da cidade.

**Empresário** - Eu concordo com a Regina. O Governo é quem deveria se preocupar com esses problemas.

**Carlos** - No que diz respeito a assegurar os direitos de crianças e adolescentes, a lei é clara: é dever da família, da comunidade, da sociedade e do poder público em geral.

**Empresário** - Não sei como é que eu poderia assegurar esses direitos. Eu sou um empresário, tenho meus negócios, minha família...

**Carlos** - No Brasil a participação do empresariado não é tão grande quanto nos Estados Unidos, por exemplo. Há várias empresas que colaboram com programas sociais, com iniciativas da sociedade. Há empresas que têm suas próprias fundações.

**Regina** - É verdade, mas já existem empresas que têm suas fundações.

**Carlos** - Pois é. Existe a participação social de pessoas e entidades que discutem essas questões em fóruns, que participam de conselhos de direitos e outros conselhos com os de Saúde, Educação... Pessoas com idéias e disposição. Falta dinheiro e iniciativa.

**Danuza** - É isso mesmo. Eu mesma vi de perto o trabalho feito nessa favela aqui do lado. Mas com pouco investimento não dá pra fazer milagre. Com parte do dinheiro que a gente gasta com segurança é possível fazer um trabalho que pode melhorar a vida de muitas pessoas...

**Carlos** - Acho que a grande dificuldade desse momento é que a gente vê os jovens como problema, e não como solução.

*(Black-out. Rádio: música sobe.)*

## CENA 7

*(Cozinha de Danuza. Rádio: fusão da música anterior com nova música.)*

**Zefa** - A senhora almoça aqui ou com seu Carlos, dona Danuza?

**Danuza** - Com Carlos, Zefinha. Daqui a pouco, eu vou ver um ensaio do coral jovem.

**Zefa** - Ah, dona Danuza, tá uma animação lá na minha favela...

**Danuza** - Por causa do espetáculo?

**Zefa** - Eu mesma nunca entrei num teatro! E saber que os filhos da gente vão se apresentar num teatro, vão viajar pelos lugares que nem artista...

**Danuza** - Pois é. E essa experiência vai ser mostrada em vídeo, em livro e numa exposição de fotografia, tudo produzido pelos jovens da sua comunidade...

**Zefa** - *(rindo)* Vai ficar todo mundo metido à besta...

**Danuza** - Deixa ficar, eles merecem... Em dois anos, quanta coisa melhorou, hein?

**Zefa** - Quem diria que esse povo daqui ia ajudar a minha comunidade...

**Danuza** - Zefinha! *(riso)* é que o projeto é muito bom. Pouco a pouco, a gente foi conseguindo a participação. Das trinta famílias que moram aqui, só duas não estão colaborando.

**Zefa** - E se eles pararem de ajudar, dona Danuza?

**Danuza** - O projeto está se estruturando pra conseguir dinheiro de outras fontes, pra poder se sustentar. E tá indo bem...

**Zefa** - A senhora tá alegre, né, dona Danuza?!...

**Danuza** - Claro! A minha vida tá mais interessante agora...

*(Música alegre e black-out encerram a cena. Rádio: música sobe.)*

## 9 - VIOLÊNCIA SEXUAL/ABUSO DE AUTORIDADE

### PERSONAGENS

**Souza** - Policial bem-intencionado e cumpridor da lei. Faz Faculdade de Direito à noite e planeja seguir carreira dentro da polícia.

**Barbosa** - Primo de Souza. Trabalha na mesma equipe policial de Souza. Não se importa em deixar de cumprir a lei.

**Dona** - Mulher que dirige uma casa de prostituição

**Menina (1)** - Adolescente que se prostitui na casa de Dona.

**Menina (2)** - Adolescente de rua. Cheira cola de sapateiro.

**Professora** - Dá aulas na Faculdade de Direito onde Souza estuda.

**Rambo** - Policial que trabalha com Barbosa.

### CENA 1

*(Som de sirene de polícia. Os dois policiais entram em cena como se estivessem se preparando pra sair em diligência. Rádio: Música em fusão com sirene de polícia dando a entender que a conversa se passa dentro da viatura policial.)*

**Souza** - Ok, senhor!

**Barbosa** - Essa noite vai ser movimentada!

*(Três policiais entram armados dentro de uma casa de prostituição. Há muitos homens, mulheres e adolescentes. Rádio: sirene de polícia. Fusão com gritos.)*

**Dona** - Vocês não têm ordem do juiz, não podem entrar aqui!

**Souza** - Nós sabemos que tem menores aqui se prostituindo...

**Dona** - Ser prostituta não é crime, guardinha, não te ensinaram não, foi?

**Souza** - Só que favorecimento da prostituição, manter casa de prostituição, usar crianças e adolescentes, isso é crime!

*(Barbosa chega arrastando uma adolescente que grita e tenta soltar-se. Rádio: gritos de "me larga, me solta" vêm se aproximando.)*

**Barbosa** - Olha aqui o que eu encontrei! Tava com dois caras num quarto lá atrás...

**Souza** - Qual é a sua idade, garota?

**Menina** - Dezoito anos!

**Barbosa** - Que dezoito anos, que nada! Com essa cara? Deve ter uns treze, catorze...

**Souza** - É flagrante, dona...

**Dona** - Ela tem dezoito anos, sim!

**Souza** - Tem algum documento que comprove a idade?

**Menina** - Tenho não ...

**Barbosa** - Deixa eu encher a mão na cara dessa vagabundinha que ela já já diz a verdade!

*(Policial bate na garota. Rádio: som de tabefe e grito de dor)*

**Menina** - *(chorando)* Babaca! Filho da mãe!

**Souza** - Chega, Barbosa! Cadê os homens que estavam com ela?

**Barbosa** - Tão com os rapazes, lá atrás.

**Souza** - Eu cuido dela! Vá levar os homens pro camburão!

**Barbosa** - Mas...

**Souza** - É uma ordem!

**Barbosa** - Sim, senhor!

**Souza** - *(ameno)* É melhor dizer a verdade. Quantos anos você tem?

**Menina** - *(chorando, zangada)* Dezoito anos.

*(Barbosa chega empurrando três garotas. Uma está nua, enrolada num lençol. Rádio: som de tabefes e choro se aproximando)*

**Barbosa** - Olha aqui, mais três. Essa tem complexo de Eva. *(Para a Dona)* você deve ganhar uns trocados, hein, tia?!

**Dona** - *(entre os dentes)* Imbecil...

**Souza** - Bota uma roupa nela, dona, agora!

**Dona** - A roupa tá no quarto...

**Souza** - Cristóvão! Acompanhe as duas até o quarto! Olho nelas! Barbosa! Essas tavam com alguém?

**Barbosa** - Já tão no camburão. Três com um velho só. Isso é que é vida...

**Souza** - Você bateu nessas aí também?

**Barbosa** - Só dei uma prensa na peladinha pra ela desembuchar a idade!

Nove anos, camarada...

**Souza** - Chega por hoje, ouviu?

**Barbosa** - Besteira, “vamo” botar esse povo em cana logo...

**Souza** - Só os adultos é que vão pra delegacia. As meninas vão pro Conselho Tutelar...

*(Black-out. Rádio: música sobe) ..*

## CENA 2

*(Rua ou bar. Rádio: fusão da música anterior com nova música.)*

**Souza** - Mas Barbosa, será possível!

**Barbosa** - Ihh, rapaz... Você é muito sério!

**Souza** - Você tá se aproveitando...qualquer hora dessas, eu esqueço que a gente foi criado junto...

**Barbosa** - Você tem muita consideração com essa racinha de vagabunda-mirim. Tem é que encher de pancada!

**Souza** - Rapaz, eu não preciso explicar pra você o que é abuso de autoridade. Você sabe que não pode bater, que não pode algemar criança e adolescente!

**Barbosa** - Você é muito mole...

**Souza** - Você já tá passando dos limites! A nossa função é cumprir a lei! Não vou repetir isso! A mulher tava explorando as meninas, é cana. Os homens tavam abusando sexualmente das meninas! É cana também!

**Barbosa** - Já sei, as vagabundinhas, ops, quer dizer, as menininhas eram vítimas...

**Souza** - A mais velha tinha treze, a menor tinha nove anos! Pelo amor de Deus, Barbosa!

**Barbosa** - Já tão perdidas, Souza! Ir naquele lugar, fechar aquela casa... É perder tempo!

**Souza** - Nossa função não é julgar, rapaz. É a última vez que isso acontece. Pra mim, já chega. Se acontecer mais uma vez, eu vou esquecer que você é meu primo...considere isso uma advertência!

**Barbosa** - Tudo bem, primão, deixa isso pra lá. Não vai acontecer de novo, não...

*(Black-out. Rádio: música sobe)*

### CENA 3

*(Os policiais estão agachados observando a casa. Rádio: fusão da música anterior com sirene de polícia e com nova música)*

**Souza** - Olha lá! Três crianças saindo com cola daquela casa... Vamos entrar!!...

**Barbosa** - Mas, rapaz, você não é todo certinho? Cola não é entorpecente. Não pelo código penal. Eu vou seguir a lei! Não é pra fazer nada.

**Souza** - Você estaria certo se não existisse o Estatuto da Criança e do Adolescente. Lembra o que diz o artigo dois quatro três? Fornecer produtos que causem dependência pode dar até dois anos de cadeia.

**Barbosa** - Eita, “cê - dê- efe”!

**Souza** - Olha mais um saindo com tubinho de cola! Rapazes, a gente vai entrar!

*(Som de sirene de polícia. Black-out. Rádio: sirene de polícia. Música sobe)*

#### CENA 4

*(Rua ou bar. Rádio: fusão da música anterior com nova música)*

**Souza** - Viu só? A mulher vendia pras crianças. A vizinha comprava a cola como se fosse pro marido, que é marceneiro.

**Barbosa** - Mulher viva! Enriquecendo às custas desses...

**Souza** - Saiu a sua promoção, né?

**Barbosa** - Pois é, priminho. Vou sentir a sua falta...

**Souza** - Vê se “manera”, rapaz...

**Barbosa** - Deixa comigo, Souza. Eu sei me cuidar...

**Souza** - Vou embora, já tá na hora da aula...

**Barbosa** - Quer ser advogado, né?

**Souza** - Se Deus quiser...

**Barbosa** - Vai acabar virando almofadinha...

**Souza** - Eu quero fazer carreira, meu amigo...até mais...*(sai de cena)*

**Barbosa** - Tchau. Já tô vendo o futuro dele: defensor de trombadinha.

*(Black-out. Rádio: sobe música.)*

#### CENA 5

*(Durante o black-out, ouve-se sirene de polícia. Luz acende, e policiais estão em ação. Rádio: fusão da música anterior com nova música. Sirene de polícia.)*

Barbosa - Tá fazendo o quê aí?

Menina - Nada, tio...

Barbosa - Cheirando cola de novo?

Menina - Ihh, qual é, tio, não tô fazendo nada!!...

Barbosa - E esses outros aí?

Menina - Tudo na paz, tio.

Barbosa - Cadê o dinheiro, vagabunda?

Menina - Aê, tio, hoje não tem, não.

Barbosa - Não apareceu nenhum otário pra trepar contigo, né...

Menina - Pois é, tio.

Barbosa (*esquentando*) - Pois deixe de sacanagem, que eu não tô pra brincadeira. (*pega no braço da garota com força*)

Menina - Ai, tá machucando, babaca...

Barbosa - Babaca?! Pois você vai ver quem é o babaca! Aqui quem manda sou eu. Rambo! Vamos fazer uma festinha com esses baixinhos?

(*Os policiais arrastam as adolescentes com violência. Black-out. Ouvem-se gritos fora de cena. Rádio: gritos. Música sobe.*)

## CENA 6

(*Técnica. Fusão da música anterior com nova música.*)

Souza - A senhora é promotora... Eu queria saber a sua opinião sobre esse caso, professora.

Professora - Eu tô acompanhando pelos jornais, Souza. Esses policiais estão em situação complicada. O cinegrafista amador gravou tudo. Eles abusaram sexualmente das adolescentes, bateram e ameaçaram os garotos. Tem as imagens. Mostraram na tv, em cadeia nacional. Tem a organização de direitos humanos com mais denúncias de abuso de autoridade contra o policial chamado Barbosa e o outro, que chamam de Rambo.



**Souza** - Eles já foram afastados dos cargos...

**Professora** - Eles cometeram vários crimes: atentado violento ao pudor, que pode dar de 6 a 10 anos de cadeia; lesão corporal, que dá de 3 meses a um ano; abuso de autoridade...

**Souza** - Eu sabia que podia dar nisso...

**Professora** - Você conhecia algum deles?

**Souza** - Conhecia. O pior que a sociedade vê isso e pensa que todo policial é bandido. Mas é uma profissão difícil. Você tá ali, no corpo-a-corpo com os criminosos, entende, ganha mal...

**Professora** - Entendo. Mas o policial tem que ter equilíbrio. Se o policial comete excessos, abusa do poder que tem, bate, mata, desrespeita, qual vai ser a diferença entre ele o bandido?

**Souza** - É, eu sei. Tem gente que pensa que a única lei que vale é a do "olho por olho, dente por dente" .

**Professora** - Isso leva a uma conduta criminosa.

**Souza** - É. E a má conduta de alguns acaba sujando a corporação inteira. Quem quer fazer um trabalho sério tem problemas por causa disso.

**Professora** - É. E no caso dos seus conhecidos, ainda há o crime de ameaça, que fere a lei 9-4-5-9 barra 9-7, mais recente...

**Souza** - É a lei contra a tortura, né?...

**Professora** - Isso mesmo. Claro que eu não conheço o caso a fundo, estou falando em linhas gerais...

**Souza** - É uma pena que isso aconteça dentro da polícia.

**Professora** - É sempre triste saber de crime e corrupção praticados por quem deveria estar do lado do que é certo. Mas a lei tem que ser pra todos.

*(Black-out. Rádio: música aumenta)*

## 10 - FAMÍLIA, ESCOLA E TRABALHO INFANTIL

### PERSONAGENS

**Professora** - **Dá aulas à turma de Joabe.** Denuncia a ausência do adolescente ao Conselho Tutelar.

**Aluna** - **Estuda na sala de Joabe**

**Joabe** - **Tem 14 anos.** Começa a trabalhar numa oficina mecânica para ajudar à família. O trabalho se choca com o horário das aulas .

**Mãe** - **Viúva recente,** passa por sérias dificuldades financeiras para sustentar os 4 filhos.

**Conselheiro** - **Atua no Conselho Tutelar.**

### CENA 1

*(Sala de aula. Várias cadeiras vazias. Rádio: música vai a BG.)*

**Professora** - Janeide Maria dos Santos!

**Aluna** - Presente!

**Professora** - Joabe José de França! *(silêncio)* Joabe José de França!

**Aluna** - Faltou, professora.

**Professora** - Já faz um tempão que Joabe não aparece na aula.

**Aluna** - Ele tá trabalhando, professora.

*(Luz vai caindo lenta enquanto a professora faz chamada. Rádio: música aumenta e próxima fala dissolve.)*

**Professora** - trabalhando? *(muxoxo)* Laura Regina pessoa!

### CENA 2

*(Casa de família muito pobre. Rádio: música vai a bg. Porta bate.)*

Joabe - Mãe? Renata ainda tá com febre?

Mãe - Tá sim, Joabe. Eu dou comprimido, melhora um pouquinho, depois a febre volta.

Joabe - Então a senhora não foi à escola...

Mãe - Não deu, meu filho. Me pediram pra ir lá ontem, né? Mas com sua irmã assim... Eu nem saí pra vender amendoim! Dois dias sem apurar nada...

Joabe - Seu Manoel me pagou uma semana adiantada. Tá aqui mãe.

Mãe - Ô, graças a Deus, meu filho. Ainda bem que você arranjou esse estágio. Vou poder comprar um remedinho pra ela.

Joabe - Mas ele disse que só dessa vez, mãe. Eu tô lá há pouco tempo...

Mãe - Seu pai faz uma falta, né?...

Joabe - Mas eu tô aqui, mãe! Eu vou ajudar a senhora!

Mãe - Eu sei, meu filho, eu sei...se não fosse você e seu irmão...sei não.

*(Black-out. Rádio: música sobe)*

### CENA 3

*(Sala do Conselho Tutelar. Rádio: Fusão da música anterior com nova música.)*

Professora - É por isso que eu estou aqui no Conselho Tutelar.

Conselheiro - Os dois irmãos deixaram de ir à escola porque estão trabalhando?

Professora - É o que os outros alunos dizem. Joabe, que é meu aluno, e Miguel, o irmão mais novo.

Conselheiro - Qual a idade deles?

Professora - Joabe tem catorze, e Miguel tem onze anos.

Conselheiro - E vocês da escola falaram com os pais dos garotos?

Professora - A gente mandou um bilhete convocando a mãe deles, mas ela não apareceu.

Conselheiro - E o pai? Tava trabalhando?

condição de aprendiz, a partir dos quatorze.”

Mãe - Aprendiz? Então o meu filho Joabe pode trabalhar, não é?

Conselheiro - Pode, desde que o trabalho seja realizado em horário e local que permitam que ele vá à escola. Se não for assim, fere o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Constituição.

Mãe - Mas o trabalho é o dia todo. A escola é de tarde...

Conselheiro - Então, está contra a lei...

Mãe - (*quase chorando*) Não é possível! A lei não pode ser feita pra prejudicar as pessoas!

Conselheiro - Essa lei foi feita pra defender os direitos da criança e do adolescente...

Mãe - (*angustiada*) Mas como, seu Sílvio?! Como é que a gente vai viver lá em casa se pelo menos Joabe não puder trabalhar?!

Conselheiro - Esta situação fere a lei e os direitos dos seus filhos. Se continuar assim, a senhora pode ser processada pela justiça por não estar cumprindo o seu papel.

Mãe - Justiça! Se eu pudesse, eu não tava desse jeito! (*chora baixo*)

Conselheiro - Olhe, dona Severina, se acalme. Eu tô lhe dizendo o que a lei manda, certo? Mas pode ser que a senhora possa conseguir uma ajuda!..

Mãe - Eu não quero caridade, não, seu Sílvio...

Conselheiro - Não tô falando de caridade, não. O Estatuto também determina várias medidas pra que a família possa manter a criança na escola.

Mãe - Tá certo.

Conselheiro - Vamos combinar uma coisa: eu vou consultar os advogados do setor jurídico da prefeitura, vou me informar, tá bom? A senhora pode voltar aqui em outra hora? Pode telefonar pra mim?

Mãe - (*triste*) Posso...

Conselheiro - A gente volta a conversar de novo, está bem?

Mãe - (*desanimada*) Tá bem...

(*Black-out. Rádio: sobe som*)

CENA 5

*(Conselho Tutelar. Rádio: fusão da música anterior com nova música.)*

**Conselheiro** - Pois é. A conselheira Ana visitou dona Severina e disse que a situação dela é de dar pena. Eu queria uma luz aqui do setor jurídico. Tem alguma coisa que possa ser feita que não seja contra a lei?

**Advogado** - Tem que incluir essas pessoas no programa de promoção à família.

**Conselheiro** - O programa não tá dando pra quem quer...

**Advogado** - Por lei, o menino de onze anos tem direito a uma bolsa.

**Conselheiro** - Eu sei, mas ela tem mais dois filhos que não estão em idade escolar, fora o de catorze, que não tem direito à bolsa.

**Advogado** - Tem que ver se, com a bolsa, dá pra ela se manter...

**Conselheiro** - E se não der?

**Advogado** - Bem, o mais velho pode ser aprendiz. Pra não deixar a escola, o garoto poderia estudar à noite.

**Conselheiro** - Isso tá dentro da lei?

**Advogado** - Estudar, sim. O que ele não pode é trabalhar a partir das dez da noite. Isso fere o artigo sessenta e sete do Estatuto.

**Conselheiro** - Essa é uma boa idéia, viu?

**Advogado** - Aqui na cidade tem escola noturna regular? Tem que ter, viu? É o que manda o artigo cinqüenta e quatro.

**Conselheiro** - Tem sim... Eu vou ver o que o Conselho Tutelar pode conseguir.

*(Black-out. Rádio: sobe som)*

CENA 6

*(Conselho Tutelar. Rádio: fusão da música anterior com nova música.)*

**Mãe** - Eu não tô entendendo! Miguel vai passar a ganhar uma bolsa?

**Conselheiro** - Ele vai ser incluído num programa sócio-educativo que a prefeitura desenvolve com uma organização não-governamental.

**Mãe** - E Joabe vai mudar de escola?

**Conselheiro** - O Conselho solicitou a matrícula dele na Escola Paulo Freire. É um pouco mais distante, mas acho que dá pra conciliar.

**Mãe** - Ô, minha Nossa Senhora, que notícia tão boa!

**Conselheiro** - Olhe, dona Severina: o Conselho Tutelar vai ficar atento. O Estado vai cumprir o papel dele, mas a senhora precisa fazer a sua parte. Seus filhos têm que freqüentar a escola. A senhora deve prestar atenção se eles estão indo bem, se não estão faltando...

**Mãe** - Pode deixar, seu Sílvio. Eu vou conversar com os meninos. Com essa ajuda, eu garanto que consigo manter meus filhos na escola.

*(Black-out. Pontuação musical alegre. Rádio: sobe som/ música alegre.)*

Conselheiro - Ele vai ser incluído nos serviços socio-educativos que a prefeitura desenvolve com uma organização não-governamental.

Mãe - E Joabe vai mudar de escola?

Conselheiro - O Conselho solicitou a mudança dele na Escola Paulo Freire, é um pouco mais distante, mas acho que dá pra combater.

Mãe - Ó, minha Nossa Senhora, que notícia é essa!

Conselheiro - Olhe, dona Severina, o Conselho Taxista vai ficar pronto. O Estado vai cumprir o papel dele, mas a senhora precisa fazer a sua parte. Seus filhos têm que frequentar a escola. A senhora deve prestar atenção se eles estão indo bem, se não estão faltando.

Mãe - Pode deixar, seu Sôco. Eu vou conversar com os meninos. Com a sua ajuda, eu garanto que consigo manter meus filhos na escola.

*(Black-out. Penetração musical alegre. Música não é música alegre.)*

### COLOFÃO

Este livro foi diagramado no programa Page Maker 6.5, com o tipo Agaramond e teve o miolo impresso pela Gráfica Santa Marta em off-set sobre papel Offset 70g e capa sobre couché fosco 240g com laminação fosca e utilização de verniz uv com reserva.

O teatro requer texto decorado e mais envolvimento na criação dos ambientes onde a cena transcorre; na obtenção das roupas para o figurino dos personagens; na utilização de sonoplastia em alguns casos; e no uso de luz pontuando a montagem. É, porém, uma forma bastante criativa de apresentação de um conteúdo, pois pode comportar com mais facilidade a participação do público durante o desenrolar da trama.

É interessante que os atores, sejam eles profissionais ou não, estudem bem o conteúdo, discutam entre si a personalidade e o comportamento dos personagens como também quais alternativas existiriam além das que o texto propõe. Assim, a montagem pode deixar de ser um fim em si para tornar-se um ponto de partida de um processo vivo e prazeroso.

**Carla Denise**

---

Centro Dom Helder Câmara  
de Estudos e Ação Social - CENDHEC  
Rua Gervásio Pires, 804. Boa Vista.  
CEP. 50.050 - 070  
Fone/Fax: (0\*\*81) 231 3654  
E-mail: cendhec@elogica.com.br